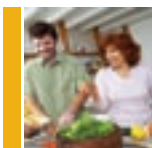


O Futuro da Aposentadoria

Índice

Definições.....	3
Introdução de Stephen Green.....	6
Boas-vindas de Clive Bannister e da professora Sarah Harper	8
Resumo executivo	10
1> Contribuição	
<i>Contribuições das pessoas mais velhas beneficiam sociedades e organizações</i>	
Bilhões de dólares para a sociedade através do trabalho voluntário.....	16
Contribuição para o mercado de trabalho.....	18
Assistência e apoio à família e aos amigos.....	21
2> Famílias	
<i>As famílias são fortes e importantes para nós</i>	
Elas estão mudando, mas ainda definem quem somos.....	26
Pessoas idosas dão uma contribuição vital para a família.....	29
As famílias deveriam estar sempre disponíveis para nós.....	30
3> Saúde	
<i>Saúde, independência e controle</i>	
As pessoas idosas se sentem saudáveis, no controle de suas vidas e se divertem.....	34
Existe vida após os 60 anos e é melhor do que o esperado.....	38
Brasil.....	43
Conclusão.....	47
Apêndices.....	48
Bibliografia.....	51
Agradecimentos.....	52



Definições

Economias desenvolvidas

Aquelas que se industrializaram mais cedo têm grandes setores de serviço, populações ricas, infraestrutura e legislação de aposentadoria estabelecidas há muito tempo, oferecendo uma “rede de segurança” de assistência social abrangente para seus cidadãos. Dentre tais países, estão incluídos Dinamarca, Reino Unido, França, Alemanha, Estados Unidos, Canadá e Japão.

Economias desenvolvidas ocidentais

As economias desenvolvidas da Europa e da América do Norte, excluindo-se o Japão.

Economias de transição

São aquelas que ainda não atingiram o estágio de economia desenvolvida. Estão nesta categoria Brasil e México na América Latina; Rússia e Turquia na Europa; Índia, Filipinas, Malásia, Cingapura, China, Taiwan, Coreia do Sul e Hong Kong na Ásia; África do Sul e Arábia Saudita na África e no Oriente Médio, respectivamente.

Formadores de opinião

São pessoas que vivem principalmente em cidades e metrópoles e que trabalham em fábricas, no setor de serviços e em outras áreas modernas da economia, tais como a indústria da tecnologia da informação. Existe um contraste entre eles e o número maior de pessoas que ainda estão em atividades profissionais tradicionais, rurais, baseadas em negócios familiares, ou aqueles que trabalham em setores primários, tais como mineração, pesca ou atividades florestais.





O Futuro da Aposentadoria

Introdução

05

Introdução

06



Bem-vindos a este nosso terceiro relatório anual sobre o Futuro da Aposentadoria. O HSBC tem encomendado pesquisas detalhadas sobre as atitudes na vida madura com relação à

aposentadoria nos últimos anos, porque acredita que o envelhecimento da população mundial durante a próxima metade do século trará mudanças profundas para as sociedades. É, ao mesmo tempo, uma excelente oportunidade para os seres humanos de todos os lugares – não podemos esquecer que uma vida mais longa e mais saudável foi uma das maiores conquistas do século 20 – mas que também gerará grandes desafios para as sociedades, conforme a proporção entre indivíduos ativos e aposentados se altera.

O objetivo de nossa pesquisa é trazer uma contribuição construtiva para o debate sobre o envelhecimento compreendendo melhor as atitudes dos indivíduos em todo o mundo. Este ano, nosso estudo envolveu 21.000 pessoas com idades entre 40 e 79 anos em 21 países e territórios, continuando o mais abrangente estudo sobre as atitudes

com relação à idade avançada, envelhecimento e aposentadoria em todo o mundo.

O foco da pesquisa deste ano foi um exame do impacto das pessoas mais velhas nas sociedades. Uma das grandes vantagens de vidas mais longas é que as pessoas freqüentemente têm muitos anos de vida ativa depois da aposentadoria – tempo esse que elas dedicam ao trabalho, remunerado e voluntário, às suas famílias e ao lazer. A aposentadoria não é mais vista como um período de completo descanso ou dependência. Cada vez mais, as pessoas vêem a aposentadoria como uma nova fase em suas vidas, uma fase para ser apreciada e desfrutada.

Portanto, se por um lado é importante para nós continuarmos a debater alguns dos assuntos mais difíceis, devemos também comemorar a imensa contribuição tanto econômica quanto social que as pessoas mais velhas dão à sociedade.

Gostaria de agradecer mais uma vez ao *Oxford Institute of Ageing* da Universidade de Oxford por sua contribuição com o projeto do estudo e com a elaboração do texto do relatório. No ano passado,

estreitamos nosso relacionamento com o instituto e criamos o Fórum Global do Envelhecimento e Aposentadoria do HSBC (*HSBC Global Forum on Ageing and Retirement*), um painel de especialistas renomados em assuntos correlacionados. Através do fórum e dessa pesquisa anual, sentimo-nos felizes por contribuir e estimular o debate sobre o Futuro da Aposentadoria.



Stephen Green

Group Chairman
HSBC Holdings plc

Boas-vindas

08



Tenho o prazer de compartilhar com vocês essa importante pesquisa assinada por nossos associados do *Oxford Institute of Ageing* da Universidade de Oxford. O HSBC usou nossos

estudos existentes sobre o Futuro da Aposentadoria para saber mais sobre o que o mundo deseja para a idade avançada. Este é o terceiro estudo anual e as descobertas deste ano aumentaram nosso entendimento sobre esta fase fascinante de nossas vidas.

Demonstramos, pela primeira vez, em termos mundiais, que as pessoas na faixa dos 60 e 70 anos se sentem em forma e com disposição, saudáveis e no controle de suas vidas. Essa atitude positiva entre as pessoas mais velhas é animadora. Elas estão usando este 'presente' de uma boa saúde da maneira mais construtiva possível: contribuindo para a sociedade e para suas famílias.

No lugar da visão tradicionalmente aceita de que as pessoas mais velhas são um peso para a sociedade, a HSBC Seguros constatou que as pessoas mais

velhas não apenas contribuem com bilhões para economia em trabalho voluntário, como também, auxiliam no suporte à família e à comunidade, permitindo que a população em atividade atue no mercado de trabalho.

Compreender o impacto dessa dinâmica de mudança é essencial para o nosso negócio na medida que continuamos a prover os mais relevantes serviços que atendem às necessidades de 125 milhões de clientes do HSBC em 82 países e territórios.

Sentimo-nos comprometidos em entender a vida madura e continuaremos na vanguarda da pesquisa sobre os desafios e oportunidades que o envelhecimento traz para a sociedade da qual participamos.

Clive Bannister
Group Managing Director
HSBC Insurance

HSBC Seguros 



O *Oxford Institute of Ageing* tem o prazer de trabalhar com o HSBC. Esse relacionamento nos tem proporcionado a oportunidade de realizar muitas novas e fascinantes iniciativas no campo da população

que envelhece. Estamos especialmente felizes por trabalharmos em conjunto com o HSBC no estudo sobre o Futuro da Aposentadoria. Esse projeto inovador, a maior pesquisa deste tipo, nos ajudará a compreender melhor os desafios e oportunidades da população que envelhece.

Enquanto alguns estudos nacionais, principalmente no Ocidente, passam a apontar para mudanças na maneira como as pessoas mais velhas estão recomeçando a trabalhar e a se relacionar com suas famílias, esta é a primeira vez que pudemos testar tantos desses novos fenômenos em países do mundo inteiro. Através deste estudo, podemos agora documentar a extraordinária contribuição que as pessoas mais velhas nos seus 60 e 70 anos dão, no âmbito mundial, à sua comunidade, sua família e sua economia. Constatamos agora a evidência

de que muitas das tendências de comportamento de aposentados – como saúde e bem-estar – que pensávamos ocorrer somente nas sociedades ocidentais, estão surgindo em partes da Ásia, América Latina e África.

O estudo sobre o Futuro da Aposentadoria contém uma quantidade enorme de evidências que revelam o potencial de idosos saudáveis e ativos. O relacionamento entre o *Oxford Institute of Ageing* da Universidade de Oxford e o HSBC poderá fazer crescer o debate e, através dessa melhor compreensão, poderá trazer melhoras para a vida das pessoas mais velhas em todo o mundo.

Professora Sarah Harper

Director

Oxford Institute of Ageing, University of Oxford

Chairperson of the HSBC Commission on Ageing and Retirement



Resumo executivo

10

O aumento no número de pessoas mais velhas parece ser freqüentemente uma razão de preocupação que de comemoração. Ouvimos falar sobre a crise de fundos de pensão, relação de dependência, pressão sobre nossos serviços de saúde e o colapso dos laços familiares – tudo, supostamente, causado pelo rápido crescimento no número de idosos frágeis e dependentes.

Mas quão predominante é a fragilidade e dependência entre a população de pessoas mais velhas no mundo? E é uma razão de preocupação o fato de que as pessoas estejam vivendo por mais tempo?

Este terceiro relatório anual de estudo mundial do HSBC sobre o Futuro da Aposentadoria mostra que as pessoas mais velhas nos 60 e 70 anos são primordialmente importantes para suas famílias, comunidades e locais de trabalho. Na verdade, o estudo descobriu que, se por um lado, questões podem estar surgindo sobre demandas de saúde daqueles acima de 80 anos, os de 60 e 70 anos estão mais saudáveis, mais felizes e em melhores condições físicas do que em qualquer outra época. O número deles pode estar aumentando, mas eles são, na sua maioria, adultos colaboradores sem os quais nossas famílias, comunidades e, mesmo em

alguns casos, nossos locais de trabalho, não poderiam prosperar.

As pessoas mais velhas são importantes colaboradores da sociedade.

O estudo O Futuro da Aposentadoria, do HSBC, revela que as pessoas mais velhas são colaboradores importantes.

Os dados mostram que as pessoas acima de 60 anos:

- › **Contribuem com a sociedade** – as pessoas mais velhas estão colaborando com bilhões de dólares para a economia mundial com trabalho voluntário.
- › **Contribuem com a força de trabalho** – as pessoas mais velhas estão colaborando com suas comunidades e suas economias por meio do trabalho e pagamento de impostos.

› **Contribuem com suas famílias** – mais idosos estão dando mais em dinheiro, sustento e assistência às suas famílias e amigos do que recebendo.

Eles podem fazer isso porque estão em melhor condição física do que antes, sentem-se no controle de suas vidas, são independentes – em vez de dependentes – e estão geralmente olhando com otimismo para os próximos 20 ou 30 anos de vida.

Apenas em trabalho voluntário, os indivíduos acima de 60 anos dão uma contribuição enorme para suas comunidades. De todos os ouvidos, cerca de um terço são voluntários ou foram voluntários no passado. Daqueles que fazem trabalho voluntário, mais de 50% dá a metade de um dia toda semana.

No mundo inteiro, grandes parcelas de pessoas acima de 60 anos permanecem em seus trabalhos. Nas economias desenvolvidas, entre um quinto e a metade dos homens e mulheres ainda estão trabalhando aos 60 anos, enquanto nos Estados Unidos, um quinto das pessoas com 70 anos ainda estão empregados. Nas economias em transição, há um número grande de pessoas profissionalmente

ativas aos 60 anos e mesmo aos 70 na economia informal, embora menos nos serviços modernos e setores fabris.

As pessoas mais velhas dão muita assistência e apoio a seus amigos e famílias e fazem transferências financeiras substanciais para os mais jovens da família e também melhoraram as condições domésticas. O estudo do HSBC mostrou que os indivíduos mais velhos dão mais do que recebem em termos de sustento às suas famílias. Na verdade, a contribuição das pessoas mais velhas é fundamental para a assistência e o sustento das famílias contemporâneas.

As famílias são fortes e importantes.

O estudo do HSBC mostra que, apesar de todas as mudanças que alteraram o conceito e a natureza da família, ela é ainda a escolha de uma maioria esmagadora entre aqueles que responderam a pesquisa ao definir “quem são eles”. Além disso, a maioria das pessoas acreditam que as famílias devam ser responsáveis pelos seus membros.

Nas economias desenvolvidas, com a queda na taxa de natalidade, as famílias estão menores hoje em dia. Porém, longevidade significa que mais membros em cada família ainda estão vivos. Isso tem contribuído para que famílias “reduzidas” sobrevivam ao tempo com um número crescente de quatro ou cinco gerações e com um número menor de pessoas em cada geração. Essas famílias têm uma integração mais vertical que horizontal. Existe alguma preocupação de que esses novos formatos de família possam levar as pessoas a verem suas famílias como menos importantes, e que isto possa reduzir sua disposição em cuidar de seus familiares – especialmente os mais velhos e mais dependentes.

Nas economias em transição, há uma preocupação de que a migração e outras mudanças sociais possam levar a uma falta de apoio familiar, expondo idosos frágeis à vulnerabilidade e necessidade.

Porém, o estudo do HSBC sobre o Futuro da Aposentadoria mostrou que, no mundo todo, as pessoas têm um contato considerável com os membros de sua família, e que se sentem responsáveis pelo bem-estar uns dos outros. No mundo inteiro, o auxílio prático e pessoal às pessoas

mais velhas com necessidades é visto como uma responsabilidade da família, enquanto que a assistência financeira é também considerada uma responsabilidade do Estado.

Além disso, os indivíduos têm uma identificação pessoal forte com os membros da família, e de forma preponderante, sentem que a família define quem eles são como pessoa.

Saúde, independência e controle.

Ao redor do mundo, as pessoas que vivem em sociedades desenvolvidas e os formadores de opinião nas economias em transição parecem experimentar apenas um declínio moderado – se é que existem de fato – em sua qualidade de vida quando eles envelhecem e estão para se aposentar.

O estudo mostra que as pessoas nos 60 e 70 anos gozam geralmente de boa saúde, e que há apenas diferenças moderadas entre aqueles grupos de faixa etária e as pessoas nos 40 e 50 anos em termos de controle e qualidade de vida. Na verdade, para algumas pessoas, essas coisas realmente melhoram depois dos 60 anos.

Nos países em transição, onde o estudo foi realizado, os formadores de opinião provavelmente gozam de melhor saúde do que aqueles que vivem nas populações rurais. Porém, podemos ainda ver que, mundialmente, as pessoas nos 60 e 70 anos levam freqüentemente vidas independentes e são otimistas quanto a si mesmos e quanto ao futuro. O fato de aqueles que vivem em ambientes urbanos modernos na Ásia, na América Latina e na África possuírem padrões de saúde e qualidade de vida similares àqueles de economias desenvolvidas é uma indicação importante da tendência de uma nova velhice em todo o mundo.

Imediatamente após a aposentadoria, especialmente em economias desenvolvidas, os indivíduos parecem experimentar uma melhora no estado de saúde, na qualidade de vida e na sensação de controle e independência. Esse é o “bônus” da aposentadoria.

Melhor que o esperado.

A experiência de vida na aposentadoria depois dos 60 anos é quase sempre melhor que o esperado em todas as regiões -- se considerarmos a falta de trabalho, segurança financeira ou padrão de vida.

Os dados do estudo do Futuro da Aposentadoria do HSBC mostram que, longe de ser uma época de miséria, penúria e fraqueza, a vida para a maioria das pessoas nos 60 e 70 anos é caracterizada pela boa saúde, independência, controle e uma boa qualidade de vida. Em termos de como as pessoas se sentem e do que são capazes, acreditamos que é possível afirmar que 70 anos são hoje os novos 50.

Tais descobertas têm implicações significativas. As pessoas nos 60 e 70 anos são um ativo extraordinário para a sociedade e não um peso. Aqueles no poder precisam respeitar isso e assegurar uma política que possibilite às pessoas mais velhas permanecerem ativas enquanto desejarem ou forem capazes. Os empregadores precisam reconhecer o valor dos trabalhadores idosos e que eles podem ser um ativo importante nos seus locais de trabalho. Dentro das famílias e das comunidades, as pessoas mais velhas estão dando mais do que recebendo.

Talvez, porém, as implicações sejam maiores para os indivíduos em si. Há um potencial de uma vida boa, madura, saudável, ativa, participativa e que deve ser planejada.

O HSBC entrevistou 21.000 pessoas dentro de quatro grupos de faixa etária entre 40 e 79 anos em países e territórios desenvolvidos e em transição no mundo todo, tornando o estudo O Futuro da Aposentadoria o maior de sua espécie. Nas economias em transição, aqueles ouvidos são considerados “formadores de opinião”. Devido às idades pesquisadas, foi possível, pela primeira vez num estudo de âmbito mundial, comparar as experiências daqueles que se aproximam da aposentadoria – suas expectativas e temores – com a realidade daqueles que já passaram pela transição e estão agora aposentados.





O Futuro da Aposentadoria

Contribuição

As sociedades e as economias se beneficiam da contribuição das pessoas mais velhas.

As pessoas mais velhas contribuem com a sociedade através de trabalho voluntário ou remunerado e cuidado de pessoas.

As pessoas mais velhas contribuem com bilhões de dólares para a sociedade.

Longe de ser um peso, as pessoas mais velhas são colaboradores importantes.

O estudo sobre o Futuro da Aposentadoria mostra que as pessoas mais velhas estão colaborando com bilhões de dólares para economia mundial em trabalho voluntário.

No mundo todo, as pessoas nos 60 anos e mesmo as nos 70 estão em trabalhos remunerados colaborando com suas comunidades e suas economias através de seu trabalho e de pagamento de impostos.

Há mais idosos dando dinheiro, apoio e assistência às famílias e amigos do que recebendo.

As pessoas mais velhas contribuem com bilhões de dólares em trabalho voluntário.

As pessoas mais velhas ao redor do mundo realizam um número considerável de atividades voluntárias – isto é, trabalho sem remuneração. De todos aqueles estudados, cerca de **um terço são voluntários ou foram voluntários no passado. Daqueles que fazem trabalho voluntário, mais de 50% dão, no mínimo, a metade de um dia durante a semana.**

No Reino Unido, as pessoas acima de 60 anos contribuem com cerca de 18 milhões de horas por semana, ou aproximadamente 792 milhões de horas por ano. No Reino Unido o salário mínimo atual é de £5,35 por hora, o trabalho deles vale £4,2 bilhões a cada ano. Nos Estados Unidos, os maiores de 60 anos dão 3,67 bilhões de horas por ano em trabalho voluntário. O salário mínimo federal é de US\$ 5,15 por hora o que equivale a US\$ 18,9 bilhões por ano.

Trabalho voluntário ao redor do mundo.

Nas economias desenvolvidas, o trabalho voluntário é uma boa indicação do quanto as pessoas estão engajadas dentro da comunidade. Nos países de língua inglesa, as organizações voluntárias são conhecidas como “terceiro setor,” complementando os setores públicos e privados ao fornecer apoio à assistência social. Nas economias com sistemas

de assistência mais abrangente, como os países escandinavos, o voluntariado pode parecer uma anomalia – ainda que nosso estudo mostre que ele prospera.

Porém, em algumas economias tradicionais, o esforço exigido para sobrevivência do dia-a-dia torna o voluntariado um luxo. Falta-lhes a infra-estrutura que permite o trabalho voluntário e, em algumas, o conceito de voluntariado é pouco comum.

Política de assistência social libera as pessoas para atuar no serviço voluntário.

As economias que possuem uma assistência social mais abrangente têm as taxas mais altas de voluntariado em todos os quatro grupos de faixa etária. Isso pode parecer contraditório porque, como o estado provê mais serviços nesses países, é fácil supor que menos trabalho voluntário seja necessário. Na verdade, a assistência social concedida pelo setor público libera recursos – tempo e esforço – que os indivíduos teriam gasto consigo mesmos e suas famílias.

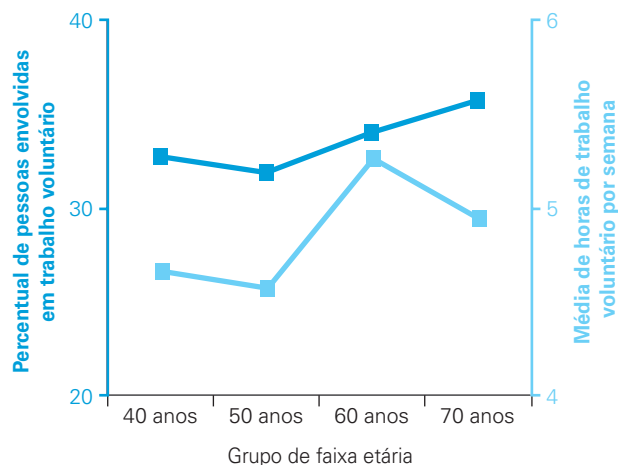
Assim, nas economias desenvolvidas da Europa e América do Norte, há parcelas altas de voluntários em todos os grupos de faixa etária. Os níveis de envolvimento em trabalho voluntário alcançam 27% das pessoas com 40 anos na Dinamarca e quase a metade disso das pessoas com 70 anos no Canadá. Além disso, nessas economias, há apenas um ligeiro declínio no trabalho voluntário com o aumento da idade.

Na Ásia, há uma participação mais baixa, embora no Japão, nas Filipinas, em Cingapura e na Coreia do Sul, até um quarto das pessoas estudadas trabalha como voluntário.

Em outras regiões, a proporção de voluntários é geralmente menor do que um quinto, caindo para menos de 5% em alguns grupos de faixa etária em países como Rússia e Turquia.

1.1 Quantas pessoas atuam como voluntários e quanto tempo elas dedicam a essas atividades?

Em economias desenvolvidas, um maior número de pessoas mais velhas estão envolvidas em algum trabalho voluntário e contribuem em média com mais horas



As taxas de voluntariado variam com a idade.

Há algumas diferenças nos resultados dentro de um mesmo país na proporção de pessoas voluntárias nos quatro grupos de faixa etária estudados.

Por exemplo, no Reino Unido, o estudo mostra que quanto mais velho o grupo, maior é a proporção de voluntários, o que confirma que lá as pessoas com idade entre 50 e 74 anos provavelmente trabalham mais como voluntários que os mais jovens¹. O tipo de trabalho voluntário no Reino Unido também varia com a idade: grupos mais velhos tendem a tomar parte em atividades humanitárias, tais como ajudar outras pessoas mais velhas ou adultos e crianças incapacitadas, apesar de que os mais jovens tendem a focar em atividades que estejam relacionadas com crianças, tais como atuar junto a organizações escolares ou relacionadas às atividades de lazer como clubes de futebol juvenil.

Idosos freqüentemente contribuem com mais tempo.

Na Europa e América do Norte, quanto mais as pessoas envelhecem mais tempo elas dedicam ao trabalho voluntário, sendo que as pessoas entre 60 e 70 anos colaboram geralmente com o maior tempo. A Coreia do Sul tem um dos mais altos níveis de engajamento com pessoas de 50 anos dando uma média de 5,4 horas por semana, os de 60 anos dando 5,9 horas e os de 70 anos dando 6,5 horas.

Somente com trabalho voluntário, os acima de 60 anos provêem uma enorme contribuição para suas comunidades.

1. www.ageconcern.org.uk

As pessoas mais velhas contribuem como trabalhadores no mercado de trabalho.

As pessoas mais velhas contribuem consideravelmente com trabalho remunerado.

As pessoas acima de 60 anos não trabalham apenas no setor de voluntariado. Embora mundialmente a grande parte dos acima de 60 anos não tenha emprego remunerado, enquanto a maioria dos abaixo de 60 anos o tem, há ainda um número substancial entre aqueles que continuam a trabalhar.

Há hoje uma nítida correlação mundial entre a idade e a proporção de cada grupo etário em algum tipo de trabalho remunerado. Enquanto 11% de pessoas com 70 anos tem algum tipo de trabalho remunerado (tempo integral, meio-período ou esporádico) – para indivíduos com 60 anos, isto ocorre em quase um terço, dois terços para os indivíduos com 50 anos e três quartos para os indivíduos com 40 anos.

Uma grande proporção dos acima de 60 anos trabalham em economias desenvolvidas. Entre as economias desenvolvidas, cerca de três quartos das pessoas com 50 anos e 50% com 60 anos estão trabalhando, caindo drasticamente para aquelas com 70 anos. Existem contrastes. A França tem parcelas extraordinariamente baixas de pessoas trabalhando nos três grupos de faixa etária mais velha: 67% dos indivíduos de 50 anos, 9% dos indivíduos de 60 anos e apenas 1% dos indivíduos de 70 anos. Nos Estados Unidos, ao contrário, 19% das pessoas com 70 anos ainda estão trabalhando.

Nas economias em transição, a situação é mais complexa. Em todos os lugares, exceto na Rússia, a proporção de pessoas com 50 anos que ainda estão trabalhando é muito mais baixa que nas economias desenvolvidas. Quando se trata de pessoas de 60 anos, as parcelas em trabalho são similares às daquelas das economias desenvolvidas – exceto na Turquia e na China, Taiwan e Hong Kong, onde são novamente muito mais baixas. Pessoas com 70 anos têm menores probabilidades de estarem trabalhando que aquelas de economias desenvolvidas, embora no México e nas Filipinas as proporções sejam maiores.

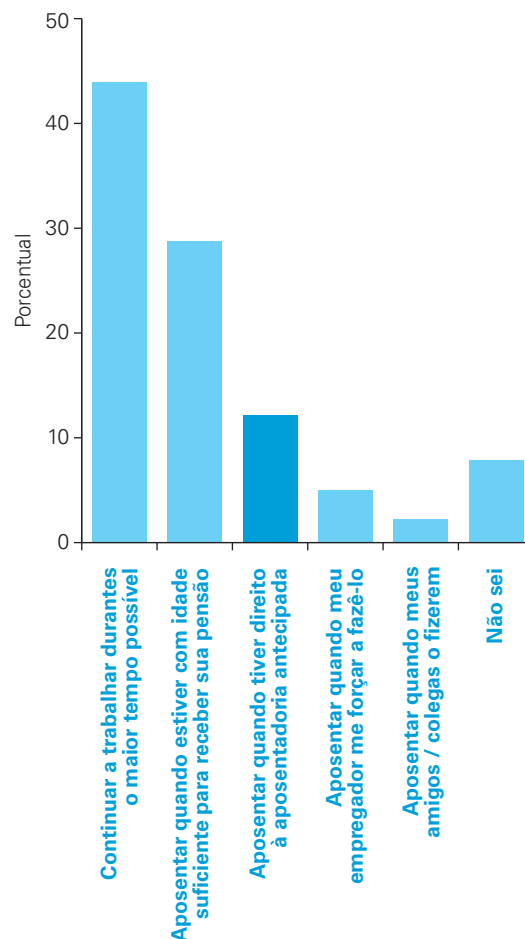
No âmbito nacional, essas diferenças refletem as políticas do governo e de empregadores, tais como planos de aposentadoria antecipada e diferentes

estados de saúde daqueles ouvidos nas diferentes regiões do mundo.

Na maioria dos países, uma proporção maior de pessoas se aposentou precocemente no passado do que se espera no futuro.

1.2 Quantas pessoas esperam se aposentar?

No mundo inteiro, a aposentadoria precoce não é uma opção que muitas pessoas com idade entre 40 a 59 anos esperam ter.



Rejeitando a aposentadoria precoce.

Incentivos à aposentadoria precoce foram introduzidos nos anos 70 e 80 como resposta a um alto desemprego entre os jovens, com a intenção de criar espaço nas empresas para esses trabalhadores mais jovens.

A aposentadoria precoce, desde então, se tornou como uma parte integrante das expectativas das pessoas². Mas há também evidência de que muitos que se aposentaram antecipadamente se arrependem³ e que as gerações subseqüentes estão lentamente começando a rejeitar essa opção.

No mundo todo, quase a metade das pessoas nos 40 e 50 anos, que ainda estão trabalhando, esperam continuar trabalhando até quando for possível, e 29% esperam aposentar-se quando tiverem idade suficiente para receber sua aposentadoria. Somente 12% esperam uma aposentadoria antecipada. Isso se compara mundialmente com 16% das pessoas acima de 60 anos que realmente se aposentaram precocemente. Enquanto as expectativas não são sempre realizadas, é de se notar que estes que afirmaram seu desejo estão de acordo com as tendências nacionais em muitos países em relação a uma idade mais avançada para aposentadoria.

Cursos de pré-aposentadoria que se desenvolveram por todo o mundo ocidental nos anos 70 e 80 ajudaram a definir a aposentadoria precoce como uma norma para uma geração de trabalhadores mais antigos. Muitos homens e mulheres de 50 e 60 anos estão agora repensando se eles realmente podem ou querem permitir-se seguir os passos de seus pais e deixar a força de trabalho tão cedo.

Em cada país, as diferenças, as expectativas e as experiências refletem a história nacional da aposentadoria. Três grupos de países podem ser visualizados.

No primeiro e maior grupo – compreendendo 12 países, uma maior proporção de pessoas se aposentaram precocemente no passado do que a proporção esperada no futuro. É o caso em todas as economias desenvolvidas ocidentais, exceto a Alemanha.

Metade das economias em transição da Ásia se inclui também nessa categoria – Índia, Filipinas, Malásia e Cingapura, assim como outras economias em transição: Brasil, México e África do Sul. Todos esses países compartilham uma história de políticas de aposentadoria precoces introduzidas para combater o desemprego de jovens. A presença de muitas economias em transição nesse grupo sugere que elas estão “queimando etapas” ao adotar práticas novas sem precisar percorrer o mesmo processo de evolução que as economias desenvolvidas.

No grupo seguinte – compreendendo seis países, houve uma pequena diferença entre as parcelas que esperam se aposentar precocemente e aquelas que realmente se aposentaram. Esse grupo inclui as economias em transição da China, Taiwan, Rússia, Turquia e Arábia Saudita – a maioria dos lugares onde a expectativa e a experiência de aposentadoria precoce são raras, e onde há pouca tradição de aposentadoria como ela é entendida no ocidente. Isso é verdade também no Japão, uma das economias desenvolvidas que se inclui também nesse grupo.

2. Harper, 2006.

3. Harper, 2006.

Finalmente, há três lugares nos quais a proporção de expectativa de aposentadoria precoce é maior que a proporção daqueles que realmente se aposentaram antecipadamente. Estes lugares são a Alemanha, Coreia do Sul e Hong Kong – economias que não sofreram desemprego de jovens em massa. Na verdade, quando este problema começou a afligir as outras economias desenvolvidas, a Alemanha estava ainda recrutando trabalho estrangeiro. Na Alemanha e em Hong Kong, as parcelas de expectativa de aposentadoria precoce estão entre as mais altas do mundo. Ironicamente, essas são duas nações cujas economias podem particularmente sofrer com a futura carência de conhecimento profissional, junto com seus pares europeus e asiáticos⁴.

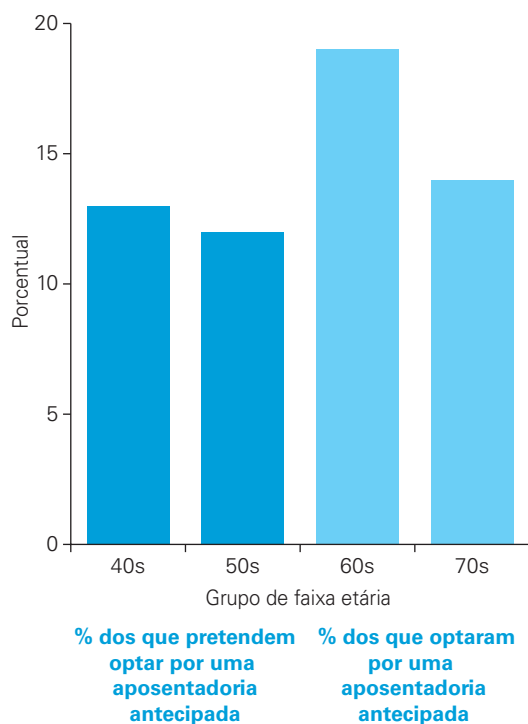
Assim, uma quantidade significativa de pessoas acima de 60 anos ainda estão trabalhando e, entre estes, a aposentadoria antecipada não parece ser uma opção preferida mundialmente. Há, porém, uma variação considerável entre as economias nesses números.

As pessoas esperam e querem trabalhar na idade avançada.

Temos visto que a maioria das pessoas têm a expectativa de continuar trabalhando, mesmo em idade para receber aposentadoria, contanto que estejam aptos a trabalhar. Mas será que elas querem?

Em todas as economias, entre as pessoas que ainda trabalham e que esperam continuar trabalhando em vez de se aposentarem antecipadamente, 71% diz que é porque querem. Entre as pessoas acima de 60 anos que continuaram trabalhando até quando conseguirem, 67% diz que fizeram isso porque quiseram. Somente na Rússia, Índia, Filipinas e Coreia do Sul há uma forte percepção de que os indivíduos têm de trabalhar mais tempo do que desejariam.

1.3 Os padrões de aposentadoria precoce estão mudando?



As pessoas mais velhas contribuem significativamente como assistentes familiares.

Além de trabalho voluntário e remunerado, as pessoas mais velhas dão muita assistência e apoio a seus amigos e familiares. Estima-se que, apenas no Reino Unido, pessoas acima de 60 anos contribuem com até £50 bilhões a cada ano – acima de 3% do PIB – em assistência familiar gratuita⁵. Isso, além de transferências financeiras importantes de idosos para jovens que acontece no mundo todo dentro de famílias e lares.

O estudo do Futuro da Aposentadoria mostrou que mais idosos dão mais do que recebem em sustento às suas famílias. Na verdade, a contribuição das pessoas mais velhas ou acima de 60 anos é fundamental para a assistência e suporte que as famílias contemporâneas demandam.

A assistência prestada é de três tipos principais: financeira, na forma de presentes ou empréstimos; auxílio prático em casa com limpeza, compras, preparo de refeições e outras tarefas diárias; e cuidados pessoais, como ajudar alguém a tomar banho ou a vestir-se, ou atuar como enfermeira dessas pessoas. Pessoas com idade entre 60 e 79 anos são colaboradores vitais de apoio financeiro, prático e cuidados pessoais dentro da família.

As pessoas mais velhas dão uma contribuição importante para a família em termos reais. Geralmente, as pessoas com mais idade cedem mais do que recebem em ajuda financeira, prática e, em alguns casos, mais cuidados pessoais.

Auxílio prático é dado aos filhos e cônjuges/companheiros.

No mundo todo, um terço das pessoas nos 40 e 50 anos e um quarto daquelas nos 60 e 70 anos têm prestado auxílio prático a um parente ou amigo nos últimos seis meses.

Entre aqueles que dão auxílio prático:

- ▶ quase a metade deles com idade entre 60 e 79 anos provêem auxílio pelo menos uma vez por semana;
- ▶ 30% das pessoas nos 40 e 50 anos e 39% daquelas com 60 e 70 anos provêem auxílio prático aos filhos;
- ▶ 12% das pessoas nos 60 anos e 15% daquelas com 70 anos provêem auxílio prático aos netos;
- ▶ um terço de todas as idades provêem auxílio a companheiros ou cônjuges;
- ▶ quase a metade das pessoas com 40 e 50 anos provêem auxílio a outros membros da família⁶ (principalmente aos pais) e um quarto das pessoas

nos 60 e 70 anos provêem auxílio a outros membros da família (principalmente irmãos).

Assistência financeira é prestada principalmente aos filhos.

No mundo todo, 41% das pessoas com 40 e 50 anos e um terço daquelas nos 60 e 70 anos têm prestado assistência financeira a um parente ou amigo nos últimos seis meses.

Entre aqueles que provêem assistência financeira:

- ▶ 42% das pessoas nos 40 e 50 anos e 44% daquelas nos 60 e 70 anos provêem assistência financeira aos filhos;
- ▶ 16% das pessoas nos 60 anos e quase um terço daquelas com 70 anos provêem assistência financeira aos netos;
- ▶ um terço das pessoas nos 40 e 50 anos provêem assistência a outros membros da família⁷, principalmente aos pais;
- ▶ quase a metade das pessoas nos 60 e 70 anos provêem assistência financeira a outros membros da família, principalmente irmãos.

Os indivíduos acima de 60 anos contribuem com apoio financeiro e prático – e freqüentemente com assistência às pessoas também.

Em diferentes economias analisadas, há muitas semelhanças com relação à prestação de auxílio a parentes e amigos, mas há também alguns padrões interessantes que nos permitem definir três grupos de economias com relação ao auxílio prático e quatro grupos com relação à assistência financeira.

Auxílio prático.

Com relação ao auxílio prático, o primeiro grupo compreende as economias desenvolvidas da Europa e América do Norte, onde a proporção provendo auxílio prático é maior em cada um dos quatro

4. Harper.

5. Veja A5, página 46.

6. Excluindo companheiros e cônjuges.

7. Idem item 6.

grupos de faixa etária que a proporção recebendo tal ajuda. Nessas economias, as parcelas recebendo auxílio prático de um parente ou amigo são menores que 25% e variam apenas de 2 a 3% na França e 23% do grupo mais velho do Reino Unido.

As parcelas que provêm tal ajuda são mais altas em todos os lugares, indo de 16% do grupo dos mais idosos na França a 49% de alguns grupos de faixa etária em pré-aposentadoria na Dinamarca, Reino Unido, Alemanha e Estados Unidos. Os principais recebedores de auxílio prático são os filhos, cônjuge/companheiro e também outros familiares (especialmente nos grupos mais jovens que estão provavelmente ajudando seus pais).

A Rússia é similar a essas economias desenvolvidas, embora uma proporção menor do grupo dos mais idosos preste mais ajuda que a receba. A situação é semelhante no Japão, Taiwan, Cingapura e China, embora as parcelas dos que recebem ajuda sejam geralmente menores.

O segundo grupo compreende as economias em transição do Brasil, México, Turquia, Filipinas, Coréia do Sul, Hong Kong e Arábia Saudita, onde a proporção dos que provêm auxílio prático é maior em todos os quatro grupos de faixa etária, exceto no grupo mais velho, comparando a proporção que recebe tal ajuda. Nessas economias, as parcelas que provêm auxílio prático a um parente ou amigo são geralmente mais baixas do que nas economias desenvolvidas. A Coréia do Sul é novamente um exemplo interessante, com 65% das pessoas com 70 anos e 83% daquelas com 40 provendo auxílio prático a um parente ou amigo (na maioria das vezes, cônjuge/companheiro) e aproximadamente 80% de todos os grupos de faixa etária recebendo tal ajuda.

O terceiro grupo compreende a Índia e a Malásia, onde a proporção provendo auxílio prático é mais baixa que a proporção que recebe tal ajuda nos quatro grupos de faixa etária (e particularmente nos grupos mais velhos). Na Índia, dois terços daquelas pessoas com 70 anos tem recebido auxílio prático de amigos ou parentes durante os últimos seis meses, enquanto menos de um terço tem prestado tal ajuda. A Malásia fornece um contraste impressionante com mais da metade recebendo e apenas 8% provendo. A ajuda é recebida principalmente dos filhos e cônjuge/companheiro, mas na Malásia, o sustento é realizado por outros membros da família.

Assistência financeira.

Com relação à assistência financeira, o primeiro grupo compreende todas as economias desenvolvidas e em transição de Brasil, Rússia, Turquia e China. Nesses países, a proporção que provê assistência financeira é consideravelmente maior em cada grupo etário que a proporção que recebe este apoio. As parcelas provendo assistência financeira abrangem um quinto das pessoas nos 40 anos na França e a metade daquelas nos 50 anos nos Estados Unidos.

O segundo grupo compreende as economias em transição do México, Filipinas, Taiwan, Cingapura, Coréia do Sul e Arábia Saudita, onde, com exceção das pessoas nos 70 anos, a proporção que provê assistência financeira é maior que a proporção que recebe esse suporte. As parcelas que provêm assistência financeira nessas economias são geralmente mais altas que nas economias desenvolvidas, e a composição de suporte é mais diversificada, incluindo também membros da família que não são o cônjuge/companheiro, filhos e netos, mais provavelmente irmãos. Na Coréia do Sul, entre 64% das pessoas nos 70 anos e 94% daquelas com 40 anos estão provendo assistência financeira a um parente ou amigo.

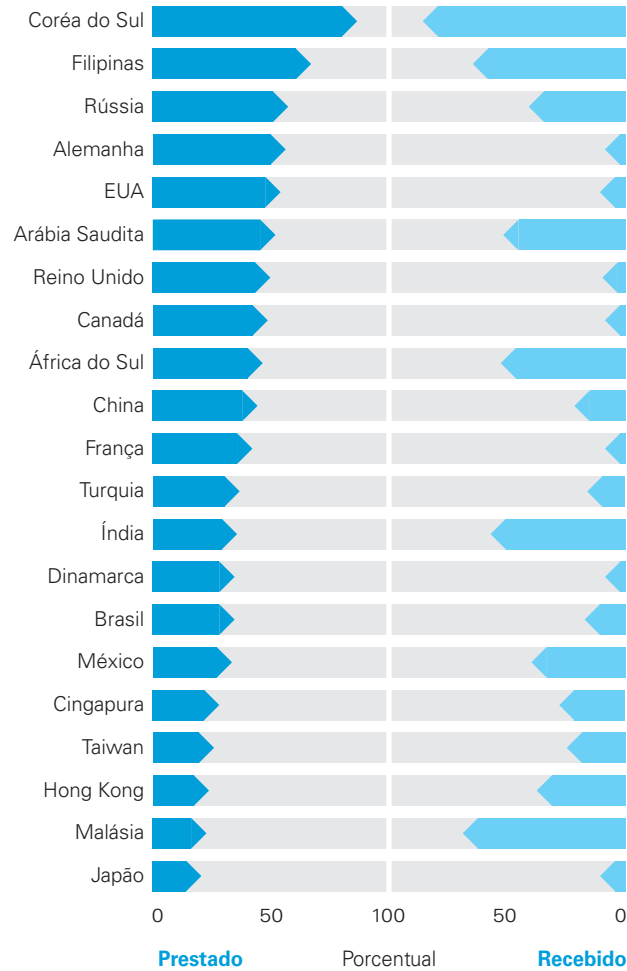
Entre essas parcelas importantes provendo sustento, três quartos das pessoas nos 70 anos que provêm sustento o fazem para seus netos.

O terceiro grupo compreende Hong Kong e África do Sul, onde a proporção provendo assistência financeira é maior que a proporção que a recebe para as pessoas entre 40 e 50 anos, embora esse não seja o caso para aquelas pessoas nos 60 e 70 anos. Em Hong Kong, as pessoas nos 70 anos que provêm suporte financeiro o fazem mais para os netos (39%) e outros membros da família (39%) que para os filhos (21%).

O quarto grupo compreende a Índia e a Malásia, onde a proporção provendo assistência financeira é mais baixa que a proporção que a recebe em todos os quatro grupos de faixa etária (e particularmente os dois grupos de mais idosos). Na Índia, de 49% das pessoas nos 70 anos têm recebido assistência financeira de um amigo ou parente durante os últimos seis meses e somente 25% a provêm.

1.4 As pessoas têm prestado ou recebido assistência financeira de um parente ou um amigo?

As gerações mais velhas estão freqüentemente prestando mais assistência financeira a parentes ou amigos do que recebendo.



“A promoção de um envelhecimento ativo está na agenda do governo de Cingapura. Os mais velhos são estimulados a trabalhar como voluntários e as organizações sem fins lucrativos são estimuladas a recrutar os mais velhos.”

YAP MUI TENG
PESQUISADOR SÊNIOR DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS, CINGAPURA, E MEMBRO DA COMISSÃO MUNDIAL DO HSBC SOBRE ENVELHECIMENTO E APOSENTADORIA





O Futuro da Aposentadoria

Famílias

As famílias são fortes e importantes para nós.

“As pessoas em todo o mundo se definem em termos de suas famílias e elas se sentem responsáveis pelo bem-estar dos outros membros de suas famílias.”

DR. GEORGE LEESON

OXFORD INSTITUTE OF AGEING E MEMBRO DA COMISSÃO MUNDIAL DO HSBC SOBRE ENVELHECIMENTO E APOSENTADORIA.

As famílias podem estar mudando, mas elas ainda definem quem somos.

O estudo sobre o Futuro da Aposentadoria mostra que, apesar de todas as mudanças que afetaram o conceito e a natureza da família, ela ainda é a escolha da maioria esmagadora daqueles que responderam à pesquisa definindo “quem são eles”. Além disso, a maioria das pessoas acredita que as famílias deveriam ser responsáveis por seus membros.

As famílias estão mudando – nas economias desenvolvidas...

As famílias mudaram muito nos últimos 50 anos – em sua estrutura, no que fazem e como seus membros se relacionam entre si⁸. Nas economias desenvolvidas, essas mudanças são o resultado de tendências socioeconômicas mais amplas. Além disso, o envelhecimento da população em si tem implicações tanto na estrutura da família quanto nos papéis individuais⁹.

Nessas economias, as famílias não são apenas as fontes de sustento e ajuda em épocas de dificuldade, mas são agora parte de uma rede de segurança mais ampla que inclui serviços de saúde, fundos de pensões e benefícios de desemprego. A consequência tem sido uma mudança no relacionamento entre pais e filhos: em vez da interdependência econômica, eles buscam companheirismo, intimidade e apoio emocional. Mas, mesmo nessa área, o papel da família está sendo desafiado, pois os avanços tecnológicos e de urbanização produziram novas maneiras de comunicação, socialização e entretenimento¹⁰.

... e em economias em transição também.

Os mesmos fatores agora afetam as famílias nas economias em transição. Tradicionalmente, pais e filhos nessas sociedades dependem uns dos outros por toda a vida. Os pais decidiam o que os filhos fariam baseados nos interesses da família como um todo e as pessoas dependiam da rede de contatos familiares para obter um emprego – e para ter uma rede de segurança. Mas onde a atividade econômica como as de agricultura de pequeno porte e artesanato foi no passado baseada em torno das famílias e executada nas próprias casas, hoje em dia, cada vez mais pessoas trabalham assalariadas fora de casa. Isso afrouxou a conexão entre família, propriedade e casamento, encorajando as pessoas a tomar decisões sozinhas, independentemente

de suas famílias. Como consequência, a família desempenha um papel bem mais limitado.

Porém, como o estudo do Futuro da Aposentadoria mostra, apesar desses temores, as famílias ainda desempenham um papel importante na assistência de seus membros dentro das economias em transição.

Nossa família próxima pode ser menor, mas nossas famílias reconstituídas e extensivas são maiores do que em qualquer época da história.”

Novas estruturas familiares – a “família vertical”.

A queda na taxa de natalidade significa que as famílias são menores hoje em dia. Porém, vidas mais longas significam que mais membros de cada família ainda estão vivos: 86% dos que responderam à pesquisa na faixa de 40 anos e quase 10% das pessoas nos 70 anos tem pelo menos um dos pais ou um dos sogros vivos. 90% de todos os que responderam à pesquisa têm pelo menos um filho vivo.

A longevidade crescente leva a um número cada vez maior de “famílias verticais” caracterizadas por um número crescente de quatro a cinco gerações familiares. Essas famílias têm mais ligação vertical que horizontal.

8. Harper, 2004.

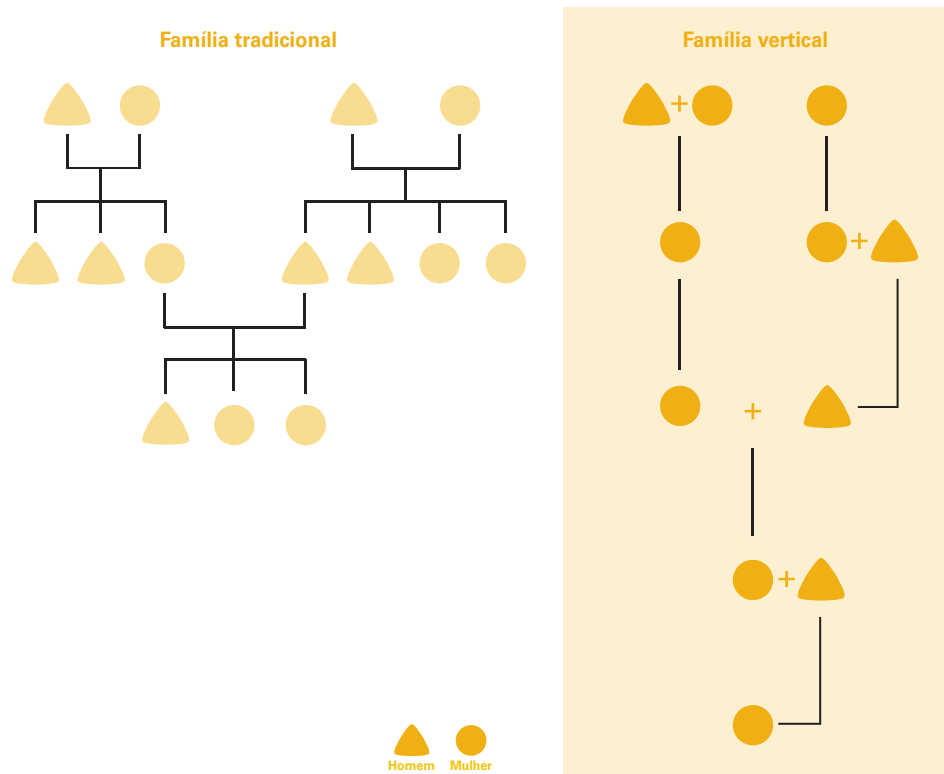
9. Harper, 2006; Bengtson, 1990; Hagerstad, 1986.

10. Waite *et al*, 2000.

11. Harper, 2004.

2.1 O conceito de família vertical.

Famílias verticais são caracterizadas por um número crescente de gerações com menos pessoas em cada geração.



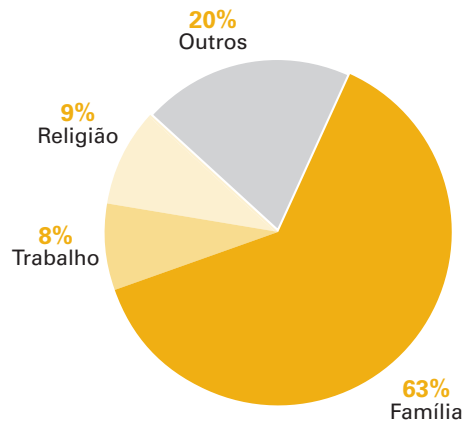
Além disso, algumas das famílias verticais estão também frequentemente se unindo através de novos casamentos e da reconstituição de famílias. Enquanto nós temos menos irmãos, irmãs e primos, nós temos também mais pais, avós e bisavós vivos que antes, e também temos agora a oportunidade de aproveitar uma variedade de novos relacionamentos com meio-irmãos e meio-irmãs, padrastos e madrastas, e outros membros da família que chegam até nós através de um novo casamento. Assim, enquanto alguns estudiosos lamentam o declínio e a ruptura da família, sob vários aspectos ela prospera. Na verdade, nas economias desenvolvidas da América do Norte e Europa, a família é ainda o centro.

As famílias ainda vivem juntas, ainda tiram férias juntas, ainda assumem responsabilidades na criação dos filhos e em sua educação – na verdade, ainda dão quase toda assistência financeira, emocional e prática aos filhos. Seus membros ainda se ajudam mutuamente, deixam em testamento propriedades e ainda a maioria dá apoio e assistência às pessoas mais velhas¹².

12. Hughes and Waite, 200.

2.2 Com o que as pessoas se identificam?

Quando perguntadas sobre o que pensam de si mesmas, a grande maioria diz “minha família”:



“Quando perguntaram quem eles eram, dois terços das pessoas em todo o mundo disseram ‘minha família’”

“Minha família é quem sou.”

Em todo país e em cada grupo de idade pesquisado, quando solicitados a completar a frase “quando você pensa sobre quem você é, pensa principalmente em...”, a maioria das pessoas escolhe a própria família. Acima de tudo, quase dois terços das pessoas escolhem a família, com trabalho e religião, como respostas mais próximas, entretanto, com abaixo de 10% cada. Nenhum deles chega perto de rivalizar com a escolha da família. Cerca de 3% dos participantes escolhem amigos, e em menores parcelas escolhem outras opções – educação, passatempos ou onde residem. Isso é uma demonstração surpreendente acerca da posição crucial que a família ocupa na vida das pessoas.

Por exemplo, a despeito do fato de que as famílias estejam mais dispostas a viver separadas no Reino Unido, a proporção de pessoas identificadas com suas famílias é mais alta no Reino Unido que na Índia.

“A tendência para as famílias se tornarem mais importantes na sociedade continuará, certamente, na medida em que as futuras gerações de aposentados estiverem mais preparadas para a idade mais avançada, tanto financeiramente quanto em relação à saúde.”

NELSON CHOW
PROFESSOR DA CADEIRA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL & ADMINISTRAÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE DE HONG KONG E MEMBRO DA COMISSÃO GLOBAL DO HSBC PARA ESTUDOS SOBRE O ENVELHECIMENTO E APOSENTADORIA.

A contribuição das pessoas mais velhas para a família é vital.

Há um número menor de pessoas da família para cuidar dos mais idosos?

Tem havido uma certa preocupação de que as novas formas de família levem as pessoas a encarar suas famílias como menos importantes para elas. Isso, eventualmente, reduziria o seu interesse em cuidar dos membros de suas famílias – especialmente os mais velhos e dependentes. Trata-se de uma preocupação especial, porque vida mais longa significa maior número de idosos que podem vir a necessitar de assistência, enquanto que a taxa de natalidade em queda reduz o número de pessoas mais jovens e capacitadas a prover tal assistência necessária. Essa situação pressionará as pessoas de meia-idade, exigindo delas a assistência tanto com os jovens dependentes quanto com seus pais idosos?

De fato, o estudo sobre o Futuro da Aposentadoria mostra que pessoas do mundo inteiro mantêm contato com membros da família, definem a si próprios em termos de suas famílias, e confirma que eles se sentem responsáveis pelo bem-estar dos membros de suas famílias. Ele também mostra que a contribuição dos mais idosos à família é vital.

O contato entre os membros da família é grande.

Mundialmente, cerca de um terço dos entrevistados em seus 40, 50 e 60 anos moram muito perto de suas mães e/ou pais. Perto de 10% têm pai e 13% têm mãe vivendo com eles no mesmo lar. Além do mais, mães e pais de outros 2% moram no mesmo edifício que seus filhos/filhas, enquanto que mais de 15% vivem na mesma cidade ou comunidade que suas mães/seus pais e a uma distância que pode ser percorrida a pé.

As famílias são parte de uma grande rede de segurança que inclui serviços de saúde, aposentadoria pública e benefícios de desemprego.

Perto ou não, mantemos contato regular com nossos pais depois da idade de 40 anos. Dentre aqueles com a idade de 40 a 69 anos, aproximadamente um quinto teve um contato pessoal com seu pai diariamente durante os últimos seis meses e um quarto com sua mãe. Além disso, cerca de 15% teve contato mais de uma vez por semana com seu pai, e a mesma proporção com sua mãe. A Dinamarca tem uma das mais baixas parcelas de contato diário com os pais, apenas pouco acima de 5%, enquanto a Índia possui uma das mais altas, próxima a 50%.

Mundialmente, acima de 80% do grupo mais jovem ouvido viu diariamente, nos últimos seis meses, o filho com quem mantém um contato mais pessoal (não por telefone ou e-mail). Essa proporção realmente declina à medida que aumenta a idade, mas, mesmo assim, quase a metade daqueles aos 70 anos tem mantido diariamente contato com seus filhos. Além disso, menos de 10% manteve contato pessoal com seus filhos, menos de uma vez por mês, durante os últimos seis meses. Na faixa etária dos mais velhos, mais uma vez, a Dinamarca possui o mais baixo registro de contato com filhos – de apenas 6% – enquanto a Índia apresenta 80%, um dos mais altos.

“O sistema previdenciário estatal dos Estados Unidos demonstra que as pessoas mais velhas estão mais propensas a viver às próprias expensas e fazer transferências financeiras para seus filhos adultos e netos.”

RONALD LEE

PROFESSOR DE ECONOMIA E DEMOGRAFIA, UNIVERSIDADE DE BERKELEY, ESTADOS UNIDOS, E MEMBRO DA COMISSÃO GLOBAL DO HSBC PARA ESTUDOS SOBRE O ENVELHECIMENTO E APOSENTADORIA.

As famílias deveriam estar sempre disponíveis para nós.

O Estado assistencialista e as responsabilidades da família.

No mundo todo, enquanto o auxílio prático e pessoal às pessoas mais velhas é necessário e considerado responsabilidade da família (e até certo ponto do próprio indivíduo), a assistência financeira é atribuída também à responsabilidade do Estado.

Será que o alcance da previdência social, na questão do bem-estar, afeta a maneira como enxergamos nossas responsabilidades em relação ao idoso carente? O que isso significa para o papel da família – ou o que chamamos de orientação para o bem-estar? Quando o idoso se encontra necessitado, quem imaginamos que deveria ser considerado responsável por ele?

O estudo sobre o Futuro da Aposentadoria perguntou explicitamente sobre essa responsabilidade pelas pessoas mais velhas carentes, no que diz respeito à assistência financeira, auxílio prático em casa e assistência social. Construiu-se, assim, um indicador de orientação do bem-estar social.

Esse indicador abrangente é voltado para a família, sobre auxílio prático e pessoal. Já no que diz respeito à assistência financeira, é orientado em parcelas iguais para a família e o Estado.

As diferenças entre os países são relativamente moderadas. O indicador varia entre a ênfase sobre a orientação familiar para as pessoas da faixa de 40 anos na Índia e uma orientação para o Estado mais alta para as pessoas da faixa etária de 50 anos na Dinamarca. De fato, excetuando-se a Dinamarca – o país do estudo que possui a previdência social mais bem desenvolvida – onde o indicador em todas as quatro faixas etárias demonstra uma presença alta do Estado, os indicadores em todas as outras economias mostram uma orientação voltada para a família. A assistência financeira é julgada como sendo responsabilidade do Estado pela maioria dos entrevistados.

No geral, portanto, à exceção das responsabilidades financeiras, as pessoas acreditam que a família deveria estar pronta a fornecer a ajuda de que os indivíduos precisam.

Solidariedade familiar.

O estudo sobre o Futuro da Aposentadoria perguntou sobre as responsabilidades dos indivíduos com relação aos outros membros da família. A notável consistência das respostas conduzem a quatro afirmações.

Os filhos têm um dever com seus pais na idade avançada.

Acima de 80% dos participantes concorda que os adultos têm o dever de sustentar seus pais (e sogros(as)) no momento da necessidade na idade avançada.

Os pais têm um dever para com seus filhos.

Quando questionados sobre se os pais têm o dever de fazer o melhor para seus filhos, mesmo em prejuízo de seu próprio bem-estar, mais de 70% dos participantes concordaram.

Os avós têm um dever com seus netos.

Mais de 75% dos participantes dizem que os avós têm o dever de estar disponíveis para seus netos nos momentos de dificuldade. Globalmente, um número ligeiramente maior das pessoas mais velhas se sente dessa forma.

Os avós não têm um dever econômico muito evidente.

Membros da faixa etária mais velha encontram-se mais dispostos a reconhecer que os avós tenham o dever de contribuir para a segurança econômica de suas famílias. Contudo, esta questão recebe o menor suporte dos entrevistados, com apenas a metade da aprovação.

O dever da família é tão forte no Reino Unido quanto na Ásia e na América Latina.

O indicador de solidariedade familiar.

Essas quatro questões nos permitiram igualmente construir um indicador de solidariedade familiar. Um entrevistado que concorda ou concorda enfaticamente que os diversos membros da família têm responsabilidades atinge perto de 10 pontos nesse indicador. Quanto mais um entrevistado discordar, mais perto de 0 estará a contagem.

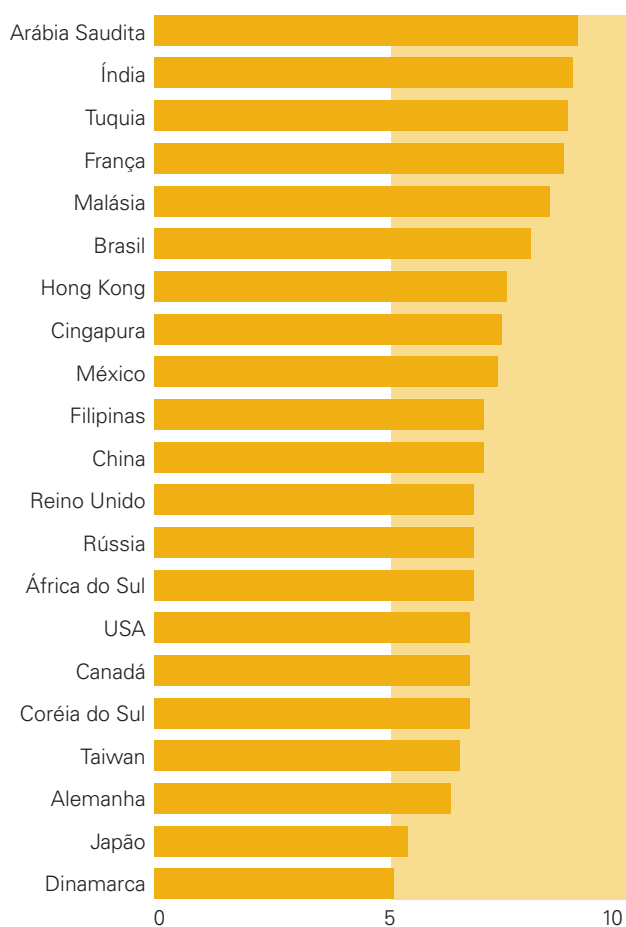
Todo país e território tiveram notas altas, no entanto, o desacordo a respeito dos deveres financeiros dos avós reduziu um pouco o indicador nas economias desenvolvidas.

Os mais altos indicadores foram registrados na Malásia, Índia, Turquia e Arábia Saudita – onde todas as faixas etárias registraram perto de 9. As pessoas, particularmente na Malásia e na Índia, consideram que os adultos têm um dever de prover tanto seus pais quanto seus filhos.

Os entrevistados na França e na Índia sentem profundamente que os avós têm o dever de se ocupar de seus netos.

2.3 Em que medida as pessoas se sentem individualmente responsáveis em relação às suas famílias?

Todos os países demonstram um forte sentimento de responsabilidade entre gerações da mesma família.







O Futuro da Aposentadoria

Saúde

Saúde, independência e controle.

Logo após a aposentadoria, especialmente nas economias desenvolvidas, os indivíduos parecem experimentar uma melhora em seu estado de saúde, qualidade de vida e sensação de controle e independência.

As pessoas acima de 60 anos encontram-se agora capazes de fazer coisas que seriam antigamente reservadas àquelas nos 40 e 50 anos.

As pessoas mais velhas sentem-se saudáveis, independentes e com disposição para aproveitar a vida.

As pessoas são, agora, capazes de fazer coisas após a idade de 60 anos, que eram antigamente reservadas para aqueles nos seus 40 e 50 anos, tais como trabalhar, contribuir para a vida familiar e participar de atividades esportivas.

Saúde, controle e qualidade de vida podem melhorar depois dos 60.

O estudo sobre o Futuro da Aposentadoria demonstra que as pessoas nos 60 e 70 anos se sentem, geralmente, com boa saúde e que existem apenas diferenças modestas entre aquele grupo e nos 40 e 50 anos em termos de controle e qualidade de vida. De fato, para algumas pessoas, essas coisas na verdade se aperfeiçoam depois dos 60 anos.

Nos países em transição, os formadores de opinião ouvidos parecem estar em melhor saúde do que muitas populações rurais. Entretanto, do ponto de vista global, ainda se vê freqüentemente pessoas em seus 60 e 70 anos vivendo de forma independente, sentindo-se otimistas sobre si mesmos e acerca do futuro.

O fato daqueles indivíduos, que vivem em ambientes urbanos e modernos da Ásia, América Latina e África, parecerem estar adotando padrões de saúde

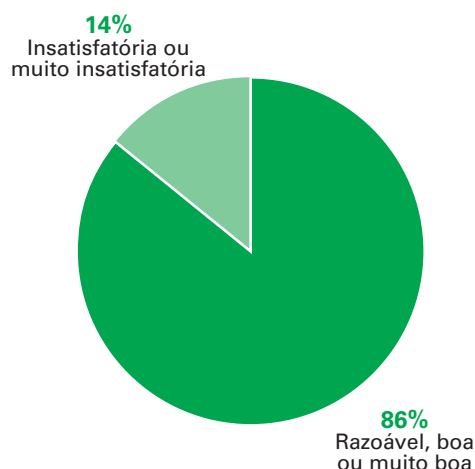
e qualidade de vida similares aos dos que vivem em economias desenvolvidas, é um importante indicador de tendência em direção a uma nova velhice no mundo.

Percebe-se que a saúde é particularmente boa nas economias desenvolvidas. Nesses países, três quartos da população nos 60 anos e dois terços da população nos 70 anos se consideram em boa ou muito boa condição de saúde. As mais altas parcelas de população saudável nos 70 anos podem ser encontradas no Canadá (76%), no Reino Unido (73%) e nos Estados Unidos (72%).

Observando-se a questão por uma outra perspectiva, no mundo, apenas 16% da população aos 70 anos diz que se sente com má-saúde ou saúde muito ruim. Nas economias desenvolvidas, a porcentagem é ainda mais baixa, chegando a cerca de 8% – com resultados individuais de países variando de um notável 3% no Canadá a 12% na Alemanha.

3.1 Como se sentem pessoas saudáveis?

Os indivíduos com idade entre 60 e 79 anos se descrevem predominantemente como tendo uma saúde razoável, boa ou muito boa.



Nas economias desenvolvidas, três quartos da população de 60 anos de idade e dois terços da população de 70 anos se sentem em boa ou em muito boa condição de saúde.

Indivíduos das economias em transição da América Latina e da Ásia também relatam um baixo percentual de saúde deficiente, como o Brasil e o México com 10%, e a Ásia com 18% (chegando a 9% em Cingapura e nas Filipinas).

Contudo, os números crescem até 32% na África do Sul e a 35% nas economias em transição da Europa, representados pela Rússia e Turquia. Em destaque, apenas 8% dos russos nos 70 anos se sentiam com boa ou muito boa saúde, o número mais baixo do estudo. A crescente diferença na Europa, com perto de três quartos das pessoas de 70 anos no Reino Unido revelando estar com boa ou muito boa saúde, em comparação com menos de 10% dos russos da mesma faixa de idade, revela-se impressionante.

Geralmente, as parcelas que classificam sua saúde como deficiente/muito deficiente aumentam com a idade. Rússia, Turquia, Coreia do Sul e África do Sul saem-se particularmente mal em cada faixa etária e a diferença entre idades é mais significativa.

Se, por um lado, é largamente aceito que nos 80 e nos 90 anos muitos indivíduos enfrentarão um crescente grau de fragilidade mental e física, o estudo do Futuro da Aposentadoria revela que cada vez mais pessoas nos 70 anos permanecem ativas e saudáveis. A faixa dos 70 anos está se transformando nos novos 50 anos em termos de envelhecimento saudável e ativo.

No geral, não existe diferença nas parcelas de homens e mulheres que classificam a saúde como deficiente/muito deficiente.

A grosso modo, portanto, até a grande maioria das pessoas nos 70 anos classificam sua saúde como regular, boa, ou muito boa, e não há deterioração súbita, drástica na saúde após a aposentadoria. Contudo, estarão as pessoas pintando um quadro róseo de sua saúde? Elas têm, na verdade, dificuldades em realizar diversas tarefas diárias?

O estudo identificou 11 tarefas diárias que a maioria das pessoas empreenderia regularmente e perguntou se o indivíduo tinha algum problema com alguma delas.

Globalmente, menos da metade dos pesquisados tinha dificuldades com alguma das tarefas diárias listadas. Esse é o caso até dos que estão na faixa etária de 70 anos. Entretanto, a proporção daqueles com dificuldades aumenta com o avanço da idade, e, em geral, as mulheres têm mais dificuldades com essas tarefas do que os homens.

A maioria dos homens e mulheres de 70 anos não tem qualquer problema em empreender atividades diárias.

Existe, entretanto, notável variação nos dados entre as diferentes nacionalidades. As pessoas de economias em transição possuem maiores dificuldades do que as pessoas de economias avançadas, em todas as idades. Por exemplo, apenas um quarto das pessoas com 70 anos no Reino Unido revela ter dificuldades para levantar objetos pesados; isso é comparado com quase três quartos das pessoas de 70 anos na Turquia.

“Neste momento, a sua influência nos EUA é pequena, mas está crescendo rapidamente. Faça uma previsão de que, nos próximos 10 anos, o segmento mais idoso da população dominará a maioria dos elementos de nosso mundo político e financeiro.”

PROFESSOR S. JAY OLSHANSKY
UNIVERSIDADE DE ILLINOIS, EM CHICAGO, E MEMBRO DA COMISSÃO SOBRE ENVELHECIMENTO E APOSENTADORIA DO HSBC GLOBAL.

Em certos países, as pessoas de mais de 60 anos se sentem mais em controle da própria vida do que aqueles de 40 e 50 anos.

Pessoas acima dos 60 anos sentem-se em maior controle de suas vidas.

O estudo sobre o Futuro da Aposentadoria investigou a significância para as pessoas mais velhas, em todos os aspectos de sua vida diária, de sentir-se no controle ou estar capacitado consistentemente a escolher seu próprio curso de ação e ter confiança e capacidade física para assumir tudo isso. No total, houve sete questões¹⁴ em nosso estudo relacionadas ao controle, cobrindo tanto os aspectos positivos quanto os negativos.

Usamos essas sete perguntas para compilar um indicador que informa o quanto as pessoas mais velhas se sentem no controle de suas vidas. Alguns, cujas respostas totais indicaram uma falta de controle, teriam a contagem 0 no indicador; enquanto que alguém que desse respostas em todas indicando o sentimento de controle, teria a nota 10.

As pessoas nos 60 anos das economias desenvolvidas ocidentais atingem marcas especialmente mais altas no indicador de controle, do que as pessoas nos 40 e 50 anos. Isso é mais pronunciado na Dinamarca, onde as pessoas de 60 anos possuem o mais alto indicador de controle de qualquer grupo no estudo. As pessoas mais velhas na maioria das economias desenvolvidas têm indicadores de controle maiores do que aquelas nos 50 anos, o que indica um alto grau de controle – mais alto do que na maioria das economias tradicionais.

No total, o estudo demonstra nitidamente uma correlação entre boa saúde e sentimentos de controle sobre suas vidas. Aqueles que dizem que sua saúde é boa sentem-se mais em controle de suas vidas; enquanto que aqueles com saúde deficiente sentem menos controle. Isso é verdade para todos os quatro grupos de faixa etária, e as pessoas nos 60 e 70 anos não parecem sentir-se menos no controle do que aquelas nos 40 e 50 anos – enquanto que, em alguns países, as pessoas em seus 60 anos, na verdade, experimentam uma sensação maior de controle.

Independência: controle e qualidade de vida.

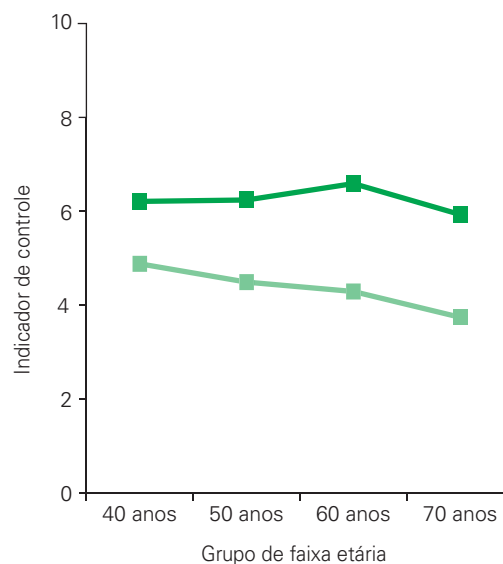
Independência é a chave para uma velhice com

sentido, participativa e com responsabilidade. Ser independente faz com que nos adaptemos e cooperemos até com mudanças bastante radicais em nossas circunstâncias pessoais, e isto nos ajuda a sentir que nossa qualidade de vida é boa.

A independência está ligada ao envelhecimento ativo e saudável. Está também fortemente ligada a ter controle sobre nossas vidas. Quando sentimos que somos capazes de exercer escolhas em nossa vida diária, nosso sentimento de bem-estar e nossa qualidade de vida são realçados. À medida que envelhecemos, um dos fatores mais cruciais em manter o controle é a capacidade de funcionar em conjunto e de enfrentar as rotinas diárias por tanto tempo quanto possível, a despeito da doença e da fragilidade.

3.2 Em que medida as pessoas sentem ter controle sobre suas vidas?

Em economias desenvolvidas, muitas pessoas na faixa dos 60 anos sentem ter mais controle do que aqueles na faixa dos 40 ou 50 anos.



— Economias desenvolvidas

— Economias em transição

14. Veja anexo A3, página 45.

15. Veja anexo A4, página 46.

As pessoas mais velhas sentem que possuem uma qualidade de vida muito boa – especialmente no Ocidente. Em alguns países, a qualidade de vida é melhor entre as pessoas de mais de 60 anos.

“A vida é cheia de oportunidades.”

Geralmente, existe uma perspectiva positiva na vida, embora esta seja mais alta em economias avançadas do que naquelas ainda em estágio de transição. Todos os grupos de faixa etária das economias ocidentais desenvolvidas sentem que a vida é cheia de oportunidades, com surpreendentes 80% de pessoas nos 60 anos na Dinamarca sentindo-se desta forma. Alternativamente, nas economias em transição, a porcentagem dos que dizem isso é mais baixa, com apenas 10% dos indivíduos nos 70 anos sentindo-se desta forma.

“Sinto-me capaz de fazer as coisas que desejo.”

Todas as faixas etárias nas economias desenvolvidas ocidentais maduras sentem-se capazes de fazer as coisas que desejam com parcelas que vão de 60% dos indivíduos nos 70 anos na França, a três quartos das pessoas nos 60 anos na Dinamarca. Em contraponto, nas economias em transição as parcelas que se sentem desta maneira situam-se em apenas 13% das pessoas nos 70 anos na Arábia Saudita e até dois terços das pessoas nos 40 anos na Malásia.

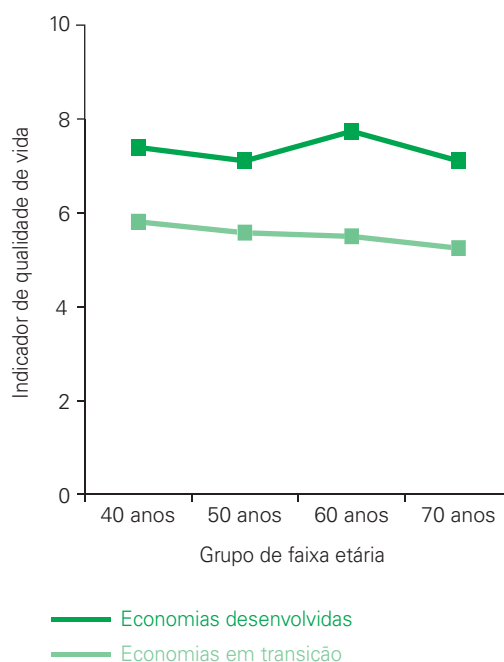
Qualidade de vida¹⁵.

As pessoas que se sentem com boa saúde no geral e se sentem no controle, também tendem a sentir que sua qualidade de vida é boa. Um indicador foi construído usando-se a informação obtida, para nos dar uma medida útil da qualidade de vida – ou o sentimento de que a vida é, de maneira geral, agradável de se viver.

Quase todas as faixas etárias na maioria das economias desenvolvidas marcaram mais de 7 pontos no indicador, apontando uma qualidade de vida muito boa. Para três quartos de pessoas em economias em transição os indicadores estão entre 5 e 7, indicando uma qualidade de vida predominantemente boa. Contudo, um maior número de pessoas diz que “estão aguardando o futuro com otimismo” nas economias desenvolvidas do que nas economias em transição. Assim como para o item controle, os dinamarqueses de 60 anos possuem o mais alto indicador para qualidade de vida.

3.3 Como é percebida a qualidade de vida na medida que as pessoas amadurecem?

Em economias desenvolvidas, muitas pessoas na faixa dos 60 anos pensam que têm uma melhor qualidade de vida do que aqueles na faixa dos 40 ou 50 anos.



Em um certo número de economias, tanto desenvolvidas quanto em transição, as marcas de qualidade de vida são mais altas para pessoas de 60 anos do que para aquelas nos 40 e 50 anos, espelhando-se no indicador de controle. Embora haja diferenças entre economias desenvolvidas e em transição, é surpreendente que em todos os países e territórios as mesmas tendências possam emergir entre as quatro faixas etárias.

A crescente distinção na Europa é surpreendente, com aproximadamente três quartos das pessoas de 70 anos no Reino Unido relatando ter saúde boa ou muito boa, em comparação com menos de um em cada dez russos da mesma faixa etária.

O novo bônus da aposentadoria.

Embora haja diferenças entre as economias desenvolvidas e em transição, encontramos no mundo inteiro um quadro surpreendente de saúde, controle e qualidade de vida quando as pessoas alcançam a idade da aposentadoria. E realmente em um grande número de casos a saúde, o controle e a qualidade de vida melhoram imediatamente para os grupos após o início da aposentadoria, comparando-se com aqueles em pré-aposentadoria. Isso é o que chamamos de bônus de aposentadoria.

Existe vida depois dos 60 e é melhor que o esperado.

Comparando atitudes antes e depois da aposentadoria.

O local de trabalho e o próprio trabalho absorvem uma quantidade de tempo desproporcional durante uma grande parte da vida dos indivíduos. O trabalho fornece às pessoas uma estrutura e uma rotina que controlam e modelam suas vidas. Além do mais, o local e os colegas de trabalho fornecem uma rede social instantânea. Para alguns, o trabalho os define como indivíduos e fornece *status*, influência, o respeito dos outros e dinheiro. A aposentadoria remove tudo isso: estrutura, rotina, rede de relações, influência, respeito e fonte de renda.

Qual desses – se houver algum – as pessoas esperam sentir falta no momento da aposentadoria?
Qual – se houver algum – lhe fará falta uma vez que tiver se aposentado?

Os resultados do estudo sobre o Futuro da Aposentadoria permitem comparações sobre a expectativa dos pré-aposentados na faixa dos 40 e 50 anos, com a experiência dos pós-aposentados na faixa dos 60 e 70 anos.

As pessoas não sentem falta do trabalho tanto quanto esperam sentir – exceto de seus colegas.

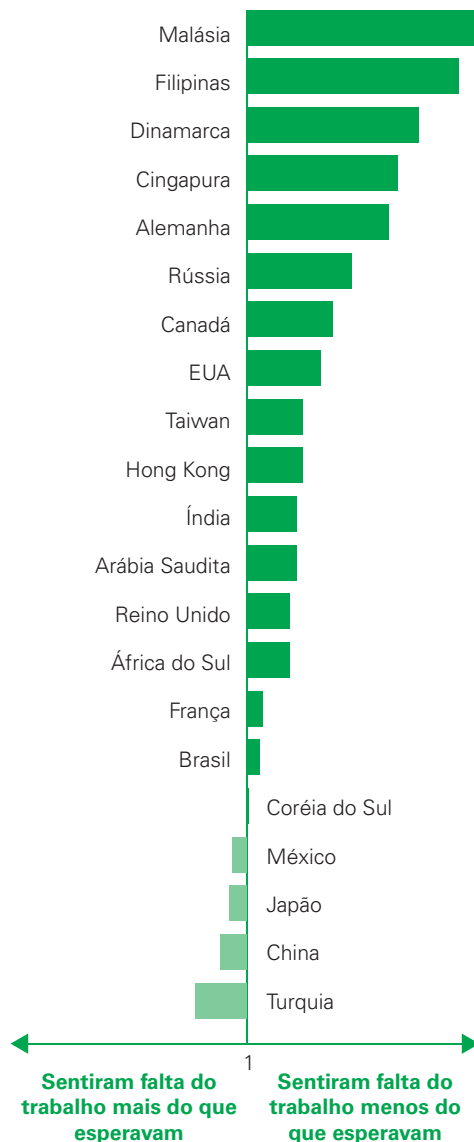
Antes da aposentadoria, as pessoas pensam que sentirão falta de seus colegas mais do que qualquer coisa: 38% dizem que sentirão falta de seus colegas de trabalho – apenas 1% a mais do que a proporção de já aposentados que dizem que sentem falta deles. Entretanto, esse foi o único aspecto do trabalho para o qual a realidade comprovou a expectativa com tanta exatidão. Em todos os outros

casos, a proporção dos que pensam que sentirão falta de um aspecto particular do trabalho é maior do que a proporção dos que realmente sentem. Surpreendentemente, o dinheiro é a área na qual as expectativas são mais diferentes da realidade: um terço dos indivíduos pensa que sentirá falta do dinheiro, mas apenas um quarto dos que se aposentaram diz que realmente sente falta disso.

Foi criado um indicador para levar em consideração as parcelas de indivíduos com expectativa de sentir falta dos diferentes aspectos do trabalho, sobre os quais as perguntas foram feitas, comparando-se a expectativa do grupo etário mais jovem com a experiência dos mais velhos, o grupo de aposentados. Onde o indicador é maior do que um, as pessoas geralmente sentem menos falta do trabalho do que esperavam, e quando está abaixo de um, as pessoas sentiram mais falta do trabalho do que esperavam. O índice ficou abaixo de um em apenas quatro países.

3.4 Os aposentados sentem falta do trabalho?

Na maioria dos países estudados, os aposentados não sentem falta do trabalho com a mesma expectativa do que aqueles que estão atualmente trabalhando



Lidar com uma nova situação financeira parece não ser a maior preocupação.

Surpreendentemente, ser capaz de lidar com uma nova situação financeira na aposentadoria não é, em geral, uma grande preocupação. Perguntou-se às pessoas: "Vocês estão eventualmente preocupadas por não estarem capazes de enfrentar uma nova situação financeira ao se aposentarem?" No total, cerca de 50% dos pré-aposentados disseram que não estavam preocupados, e a proporção é acima de 35% na maioria dos países.

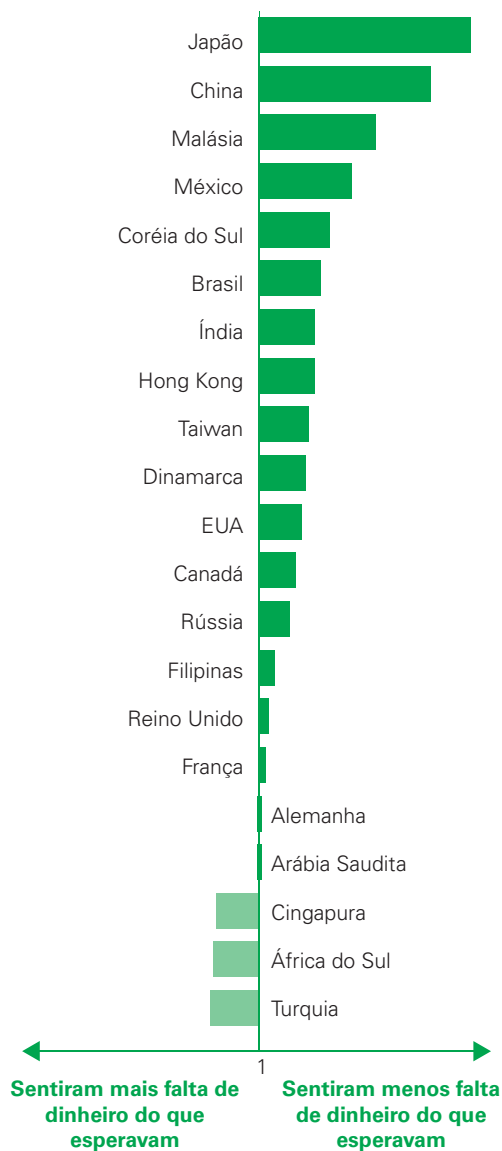
Dentre aqueles que já se aposentaram, as parcelas de pessoas que não estão preocupadas são maiores – 60% na totalidade e na mesma proporção para aqueles acima de 50 anos em muitos países.

Há diferenças interessantes em todo o mundo, especialmente entre os pré-aposentados. Nas economias desenvolvidas, a maioria dos pré-aposentados não está preocupada – indo de 60% nos Estados Unidos até aproximadamente 80% na Dinamarca. Contudo, os 80% da Dinamarca poderia ser considerado baixo, levando-se em consideração o sistema universal de aposentadoria e pensões do Estado. Dentre as economias desenvolvidas, o Japão tem a menor proporção daqueles que dizem não estar preocupados, embora cerca de 60% diga que não sabe se está ou não preocupado.

Nas economias em transição da Turquia, Taiwan, Cingapura e Coréia do Sul, entre metade e dois terços não estão preocupados em não ser capazes de lidar com uma nova situação financeira. Nas demais economias em transição, a preocupação é apenas moderada.

3.5 Os aposentados sentem falta de dinheiro?

Na maioria dos países estudados, os aposentados não sentem falta de dinheiro com a mesma expectativa do que aqueles que estão atualmente trabalhando.



A experiência da aposentadoria é, quase em toda parte, melhor do que o esperado.

Não temos a expectativa de que nosso padrão de vida seja pior quando aposentados.

O estudo também mostra que a maioria dos pré-aposentados não espera que seu padrão de vida venha a cair quando pararem de trabalhar. Nem a maioria das pessoas que está aposentada sente que seu padrão de vida seja pior do que era antes. Isso é verdadeiro para cada região, embora não para cada país. Dentre as economias desenvolvidas, um terço dos pré-aposentados tem a expectativa que seu padrão de vida venha a cair. Nas economias em transição, menos de um quinto dos pré-aposentados na América Latina, um quinto na Ásia, um quarto na África e no Oriente Médio e quase a metade do Leste Europeu têm a expectativa que seu padrão de vida venha a cair.

Existem exceções, mas, geralmente, nas economias desenvolvidas, a experiência das pessoas aposentadas é melhor do que os pré-aposentados têm como expectativa para si mesmos, enquanto que nas economias em transição, a experiência é de algum modo pior do que a expectativa. Contudo, mesmo nessas economias em transição, a proporção de pós-aposentados passando pela experiência de um padrão de vida pior é modesta.

Melhor do que o esperado.

A experiência de vida na aposentadoria depois dos 60 anos é quase em toda parte melhor do que o esperado – seja comparando o sentimento da falta do trabalho, da segurança financeira ou de padrão de vida.

O estudo mostra que longe de ser uma época de miséria, penúria e fragilidade, a vida para a maioria das pessoas em seus 60 e 70 anos é caracterizada por boa saúde, independência, controle e uma boa qualidade de vida.



O Futuro da Aposentadoria Brasil

O terceiro estudo anual do HSBC O Futuro da Aposentadoria envolvendo pessoas mais velhas, trabalho e aposentadoria revela a “nova terceira idade” no Brasil e desfaz o mito de que essas pessoas são um fardo para a sociedade.

As pessoas da terceira idade no Brasil têm uma atitude positiva em relação à fase mais madura da vida, com forte ênfase no papel da família. Muitas delas são contribuintes ativas para a sociedade e sem os quais nossas famílias, comunidades e locais de trabalho não poderiam prosperar. Sem dúvida, essas pessoas com mais 50 anos são os pilares da sociedade do século 21 no Brasil.

Nesta pesquisa, foram entrevistadas 1001 pessoas com idades entre 40 e 79 anos no Brasil.

Pessoas na terceira idade dão uma inestimável contribuição para a sociedade como voluntários, profissionais e membros de suas famílias.

Trabalho voluntário.

A contribuição voluntária para comunidade é modesta, a uma taxa de uma em cada dez (10%) pessoas com idade entre 40 e 49 anos e quase o mesmo (9%) para as pessoas com idade entre 60 e 79 anos. Contudo, a média do número de horas por semana dedicadas ao trabalho voluntário no Brasil varia de generosas 4,2 horas – no grupo de pessoas com idades entre 40 e 49 anos – a 3,8 horas no grupo de pessoas com idades entre 70 e 79 anos.

Assistência financeira.

Em relação à assistência financeira no Brasil, um quarto (25%) de todos os grupos de faixas etárias proveram esse tipo de assistência a algum parente ou amigo nos seis meses anteriores à pesquisa. A proporção daqueles que receberam alguma assistência financeira de algum parente ou amigo no Brasil é menor, a uma taxa de uma em cada dez (9%) em todos os grupos de faixa etária.

Auxílio prático.

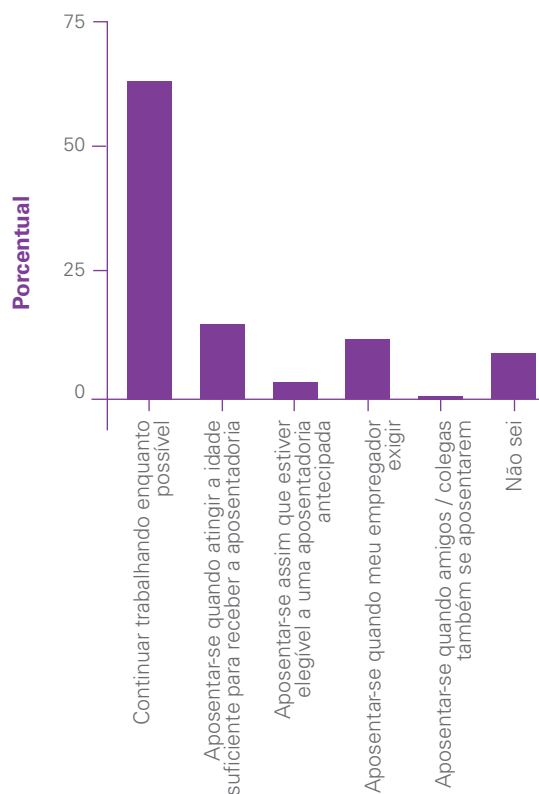
Uma em cada dez (9%) pessoas com idade entre 70 e 79 anos e uma em cada seis (15%) pessoas com idade entre 40 e 49 anos prestaram algum auxílio a um parente ou amigo nos seis meses anteriores à pesquisa. A proporção das pessoas com mais idade que receberam algum auxílio prático de um parente ou amigo no Brasil varia de uma em cada dez (10%) das pessoas com idade entre 50 e 59 anos a um pouco mais de uma em cada seis (15%) daquelas com idade entre 70 e 79 anos.

Cuidados pessoais.

No Brasil, entre 4% da faixa etária mais velha e 8% dos grupos da faixa etária mais jovem se ocuparam com algum cuidado pessoal nos seis meses anteriores à pesquisa.

Trabalho após a idade tradicional de aposentadoria.

No Brasil, enquanto apenas 7% do grupo de faixa etária mais velha tem algum tipo de trabalho remunerado, isso ocorre em mais de um terço (34%) das pessoas com idade entre 60 e 69 anos, em 50% das pessoas com idade entre 50 e 59 anos e em quase três quartos (70%) do grupo de faixa etária mais jovem.



Em termos globais, a aposentadoria antecipada, para muitas pessoas com idade entre 40 e 59 anos, não é a opção que esperam fazer.

Ter 70 anos hoje é como ter, na realidade, 50 – as pessoas nessa idade estão saudáveis, em plena atividade e no controle de suas próprias vidas por um longo tempo.

“A vida é cheia de oportunidades.”

Pequenas proporções de todos os grupos de faixa etária no Brasil têm a percepção de que a vida é cheia de oportunidades, com um quarto (27%) das pessoas com idade entre 60 e 69 anos compartilhando essa opinião. Esse é também o caso para mais de um terço (35%) das pessoas com idade entre 40 e 49 anos e cerca de uma em cada cinco (22%) das pessoas com idade entre 70 e 79 anos.

“Sinto-me capaz de fazer as coisas que desejo.”

Grandes parcelas em todos os grupos de faixa etária no Brasil têm freqüentemente a percepção de que se sentem capazes de fazer as coisas que desejam, com parcelas variando de duas em cada cinco (42%) com idade entre 40 e 49 anos a um quarto (25%) com idade entre 70 e 79 anos.

“A falta de dinheiro raramente me impede de fazer as coisas que desejo.”

Mais de um quarto (28%) das pessoas com idade entre 70 e 79 anos no Brasil consideram que a falta de dinheiro raramente/nunca as impede de fazer as coisas que desejam, diminuindo para 24% das pessoas com idade entre 60 e 69 anos, uma em cada seis (16%) das pessoas com idade entre 50 e 59 anos e 17% das pessoas com idade entre 40 e 49 anos.

“Tudo envolve esforço demais.”

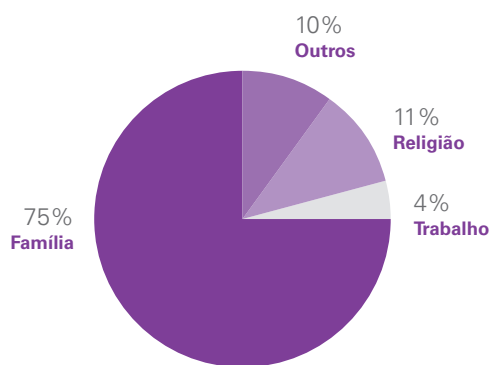
Quase metade (47%) das pessoas com idade entre 40 e 49 anos no Brasil têm a percepção que quase nunca/nunca é necessário despendido esforço no geral, comparado com pouco mais de um terço (39%) das pessoas com idades entre 50 e 59 anos, metade (50%) das pessoas com idade entre 60 e 69 anos e finalmente 49% das pessoas com idade entre 70 e 79 anos.

“Olhando para o futuro.”

Mais da metade (55%) das pessoas com idade entre 40 e 49 anos no Brasil olham para o futuro o tempo todo/a maior parte do tempo, o que pode ser comparado com um terço (36%) das pessoas com idades entre 50 e 59 anos, um pouco menos da metade (45%) das pessoas com idades entre 60 e 69 anos e quase duas em cada cinco (37%) das pessoas com idades entre 70 e 79 anos.

As famílias definem quem somos.

Em todos os grupos de faixa etária, quando perguntadas “quando você pensa em quem você é, você pensa principalmente em...”, a resposta mais freqüente foi “minha família”, totalizando dois terços de todas as respostas. Aproximadamente três quartos (75%) em todos os grupos de faixa etária no Brasil afirmam ser a família o elemento em que elas mais pensam. Portanto, a família é o principal fator de identificação pessoal.



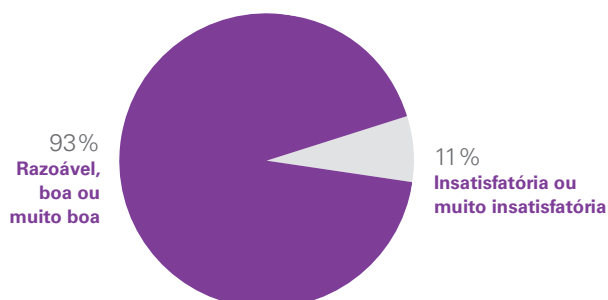
Quase todos (92%) os brasileiros têm a percepção de que é obrigação dos adultos ajudar seus pais (ou sogros) em momentos de necessidade na vida.

A experiência da aposentadoria supera as expectativas.

Perder a sensação de serem úteis é uma preocupação antes da aposentadoria, mas não é expressado na mesma intensidade após a aposentadoria. Um terço (32%) dos pré-aposentados no Brasil têm a expectativa de não se sentirem úteis ao se aposentarem, comparado com pouco mais de um quarto (28%) dos já aposentados que têm de fato essa percepção.

A preocupação de não estarem aptos para enfrentar as necessidades financeiras após a aposentadoria é sentida por apenas uma parcela relativamente pequena dos pré-aposentados, e o mesmo ocorre também entre os já aposentados quanto aos seus temores sobre necessidades financeiras futuras. No Brasil, quase metade (48%) dos pré-aposentados e seis em cada dez (60%) dos já aposentados não têm esse tipo de preocupação.

As pessoas com idade entre 60 e 79 anos acreditam estar desfrutando geralmente de uma saúde razoável, boa ou muito boa.



Ao serem perguntadas a respeito do que pensam ser, a grande maioria das pessoas respondeu ‘minha família’.





O Futuro da Aposentadoria

Conclusão

As descobertas do estudo sobre o Futuro da Aposentadoria têm implicações significativas. Elas mostram que as pessoas nos 60 e 70 anos de idade são um bem extraordinário para a sociedade e não geralmente um peso.

Como indivíduos, precisamos reconhecer que existe o potencial para uma vida boa, saudável, ativa e participativa depois dos 60 anos, e deveríamos nos preparar para isso.

Aqueles que detêm o poder em nossos governos, comunidades e locais de trabalho precisam assegurar a existência de políticas que permitam às pessoas mais velhas permanecerem tão ativas quanto desejam e são capazes.

Apêndices

48

A1. Metodologia de pesquisa.

O estudo global O Futuro da Aposentadoria, agora em seu terceiro ano, envolveu a entrevista de 21.000 pessoas de idades entre 40 e 79 anos, em 21 países e territórios em todo o mundo. É a maior pesquisa desse tipo que já foi realizada. O *Oxford Institute of Ageing* da Universidade de Oxford planejou o estudo e escreveu este relatório. A Harris Interactive realizou as entrevistas e o trabalho de campo no mundo inteiro.

Faixas etárias.

Os participantes foram divididos em quatro faixas etárias, cada uma cobrindo dez anos, o que nos permitiu estudar o efeito da idade nas atitudes e comportamento. Assim, foi possível comparar os que tinham de 40 a 60 anos com os de 60 a 79 anos. Neste relatório, esses dois maiores grupos são muitas vezes referidos como os “abaixo de 60 anos” e os “acima de 60 anos”. Este segundo grupo corresponde aproximadamente, na maioria dos lugares pesquisados, àqueles participantes que atingiram a idade da aposentadoria.

Economias desenvolvidas e em transição.

Os 21 países e territórios do estudo incluem tanto

as economias desenvolvidas quanto as em transição. As economias desenvolvidas são consideradas como as industrializadas há muito tempo, possuindo grandes setores de serviços, populações afluentes, legislação e infra-estrutura de aposentadoria e pensões estabelecidas há muito tempo, e fornece uma “rede de segurança” de bem-estar social completa para seus cidadãos.

O estudo cobre sete economias desenvolvidas: Dinamarca, Reino Unido, França, Alemanha, Estados Unidos, Canadá e Japão. A cultura e a história do Japão são muito diferentes das culturas de outras economias. Assim, o relatório muitas vezes se refere a “economias ocidentais desenvolvidas” significando as economias desenvolvidas da Europa e América do Norte, à exceção do Japão.

Uma economia em transição é aquela que ainda não atingiu o patamar de uma economia desenvolvida. Neste estudo, as economias em transição são o Brasil e o México, na América Latina; a Rússia e a Turquia, na Europa; a Índia, Filipinas, Cingapura, Malásia, China, Taiwan, Coreia do Sul e Hong Kong, na Ásia; e África do Sul e Arábia Saudita, na África e no Oriente Médio, respectivamente.

Formadores de opinião.

Nas economias em transição, o estudo entrevistou “formadores de opinião”: pessoas que vivem principalmente em cidades e metrópoles, e que trabalham no setor de serviços ou em outras áreas modernas da economia, como a indústria da tecnologia e da informação. Eles apresentam um contraste com o maior número de pessoas ainda de comportamento tradicional, rural, empregados em economia familiar, ou aqueles que trabalham na indústria primária, como na mineração, pesca ou reflorestamento. Esses formadores de opinião já estão levando o comportamento e estilo de vida de seus pares na Europa Ocidental e na América do Norte, e há indicações de que eles também acompanhem as economias desenvolvidas ao adotar novas formas de aposentadoria e modos de vida no futuro. As atitudes e comportamento desse grupo-chave de indivíduos e empregadores pode influenciar o restante da população como um todo, nas economias em transição no futuro.

A2. Saúde geral: a percepção é compatível com a realidade?

Os pesquisadores de saúde descobriram que as pessoas são geralmente otimistas em avaliar sua própria saúde e, em nosso estudo, perguntamos

aos participantes pela avaliação geral de sua saúde, variando de “muito deficiente”, “deficiente”, “regular”, “boa” até “muito boa”. Também acompanhamos a prática padrão¹⁶, perguntando aos participantes se eles tinham dificuldades com certo número de tarefas cotidianas – tais como levantar objetos pesados ou lembrar-se de coisas – que podem ser usadas para formar uma visão objetiva da saúde. Descobrimos que havia no geral uma boa equiparação entre as avaliações das pessoas sobre sua saúde e esta medida objetiva.

As tarefas diárias:

1. *Levantar-se de uma cadeira.*
2. *Caminhar 100 jardas ou metros.*
3. *Subir escadas.*
4. *Levantar objetos pesados.*
5. *Vestir-se.*
6. *Tomar banho.*
7. *Comer.*
8. *Deitar-se e levantar-se.*
9. *Preparar uma refeição.*
10. *Realizar algum trabalho fora da casa, ou no jardim.*
11. *Lembrar-se de coisas.*

A3. Você está no controle?

Fizemos sete perguntas sobre o controle. Para as primeiras quatro, a resposta de “raramente ou

16. Black *et al.*, 1998.

nunca” indicou mais controle e para as demais perguntas a resposta de “com frequência” indicou a mesma coisa.

1. *Minha idade me impede de fazer coisas que eu gostaria de fazer.*
2. *Sinto que o que acontece está fora do meu controle.*
3. *A falta de dinheiro me impede de fazer o que desejo.*
4. *Responsabilidades familiares me impedem de fazer o que desejo.*
5. *Estou em condições de fazer as coisas que desejo.*
6. *Sinto que a vida está cheia de oportunidades.*
7. *Sinto que o futuro parece bom para mim.*

A4. Uma boa qualidade de vida?

Fizemos sete perguntas sobre a qualidade de vida. Para as quatro primeiras, respostas “nunca” ou “quase nunca” indicaram uma alta qualidade de vida, enquanto que para as outras três a resposta que indicava alta qualidade de vida foi “o tempo todo” ou “a maior parte do tempo”:

1. *Me sentia deprimido.*
2. *Me sentia sozinho.*
3. *Me sentia triste.*

4. *Sentia que tudo exigia esforço demais.*
5. *Aproveitei a vida.*
6. *Olhei para o futuro com otimismo.*
7. *Fui feliz.*

A5. Assistência familiar.

De acordo com estimativas do *Oxford Institute of Ageing*, o investimento para assistência informal por pessoas de 50 anos de idade e acima atingiram a soma entre 19 e 75 bilhões de libras em 2006, ou entre 1,51 e 5,83% do PIB. Para pessoas de 60 anos e acima, os custos totais somaram entre 11 e 50 bilhões de libras ou entre 0,9 e 3,9% do PIB, dependendo da métrica de custos. Isto é, quer se pretenda que o valor da assistência corresponda ao salário mínimo (atualmente £5,35 por hora), até o custo unitário médio na assistência formal em casa (atualmente £9,40 por hora) ou até o salário médio por hora para homens e mulheres (atualmente £12,11 e £14,62, respectivamente). Além do mais, isto é também considerado se as horas estabelecidas e gastas em assistência forem iguais em tempo às que seriam, se fossem realizadas por um profissional do setor formal ou deveria ser observado para que se incluíssem os períodos de “acompanhamento não assistencial” por profissional familiar¹⁷.

¹⁷ Karlsson, 2006.

Bibliografia

Bengtson, V. L. et al. (1990). Families and aging: Diversity and heterogeneity. In Binstock, R. H. & George, L. K. eds. Handbook of aging and the social sciences. 3rd ed. pp. 263-287. Academic Press, San Diego.

Black, N. et al. (1998) Health Services Research Methods: A Guide to Best Practice Edited by: Black, N., Reeves, B., Brazier, J. and Blackwell, R.F. BMJ Books

Hagestad, G. O. (1986). Dimension of time and the family. American Behavioral Scientist, 29, pp. 679 -694.

Harper, S. ed. (2004). Families in ageing societies: a multi-disciplinary approach. pp. 212. Oxford University Press, Oxford.

Harper, S. (2006). Ageing Societies. Hodder Arnold, London.

Harper, S. (2006b). Ageing Repositioned: Singapore in the New Global Demography. ETHOS, 1, pp. 24-27.

Howse, K. (2005). Policies for Healthy Ageing. Ageing Horizons, 2, pp. 3-13.

Hughes, M. E. and Waite, L. J. (2004). The American Family as a Context for Healthy Aging. In Harper, S. ed. Families in ageing societies: a multi-disciplinary approach. pp. 176-189. Oxford University Press, Oxford.

Karlsson, M. et al. (2006) Future costs for long-term care: Cost projections for long-term care for older people in the United Kingdom. Health Policy, 75 (2) pp187-213

Leeson, G.W. (2006) Attitudes to Ageing and Old Age: The Danish Longitudinal Future Study. Daneage. Copenhagen

Waite, L. J. and Gallagher, M. (2000). The case for marriage: why married people are happier, healthier, and better off financially. Broadway Books, New York.

www.ageconcern.org.uk

Agradecimentos

52

Fórum Global HSBC em Envelhecimento e Aposentadoria.

Mais informações sobre o estudo O Futuro da Aposentadoria, incluindo-se pesquisa de anos anteriores, podem ser encontradas *on-line* em nosso *website*. Este também inclui iniciativas na área de aposentadoria do HSBC, incluindo-se um centro de recursos de mídia e contribuições de membros da Comissão Global do HSBC sobre Envelhecimento e Aposentadoria – um grupo líder de acadêmicos, mentores políticos e indivíduos-chave nos campos que se relacionam com envelhecimento e longevidade.

www.ageingforum.org

Oxford Institute of Ageing.

O *Oxford Institute of Ageing* planejou e analisou o estudo e escreveu este relatório com a professora Sarah Harper e o Dr. George Leeson como autores. Dr. George Leeson foi o Chefe de Pesquisa.

Fundado em 2001, o instituto é uma unidade multidisciplinar dentro da Divisão de Ciências Sociais da Universidade de Oxford. Ele se dedica ao tema do envelhecimento da população individual, social e globalmente. Sob a direção da professora Harper, o instituto realizou estudos sobre a população idosa,

analisando as implicações econômicas, sociais, políticas e demográficas tanto em nível nacional quanto internacional. O instituto também trabalha com os setores governamentais, corporativos, políticos e de mídia, aconselhando nas implicações do envelhecimento da população. O *Oxford Institute of Ageing* mantém aliança estratégica com o HSBC. www.ageing.ox.ac.uk

Harris Interactive.

A Harris Interactive é uma das maiores firmas de pesquisa e que tem registrado crescimento de mercado mais rápido do mundo. Baseada no Estado de Nova York, essa companhia de pesquisa global tem uma experiência significativa no planejamento e administração de projetos de pesquisa multinacional. A Harris Interactive trabalhou com o HSBC durante todo o programa O Futuro da Aposentadoria, fornecendo uma linha completa de serviços de pesquisa.

www.harrisinteractive.com

Editado pela Taylor-Made Communications. Fotografias de Adam Tolner. Projetado e produzido pela RMG Connect em parceria com o HSBC. Maio 2007

www.ageingforum.org

© HSBC Insurance Holdings Limited 8 Canada Square, London, E14 5HQ
Direitos autorais protegidos.